



RELAÇÕES DE TRABALHO

A indústria pós-terceirização

LIDERANÇAS DE SEGMENTOS INDUSTRIAIS COMEMORAM NOVO MARCO E DEFENDEM AVANÇO NAS REFORMAS TRABALHISTA, PREVIDENCIÁRIA E TRIBUTÁRIA

ANO 65 / Nº 276 / JUNHO 2017

Goiás Industrial

REVISTA DO SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE GOIÁS



Salto de EMPREGABILIDADE

NA CONTRAMÃO DO DESEMPREGO RECORDE NO PAÍS, EM TORNO DE 80% DOS ALUNOS DO SENAI CONCLUEM CURSOS COM VAGA NO MERCADO DE TRABALHO

Cursos Senai In Company

Leve essa ideia para sua empresa.

Os cursos in company do Senai Goiás são montados de acordo com a necessidade da indústria. Além da possibilidade de as aulas práticas serem realizadas dentro da própria empresa, o Senai conta com unidades móveis que levam aonde for necessário toda a infraestrutura de uma sala de aula.

Invista em seu colaborador e torne sua indústria mais competitiva

Cursos Técnicos, Superiores e de Pós-Graduação nas áreas de:

- ▶ Mecânica
- ▶ Elétrica
- ▶ Mecatrônica
- ▶ Automação
- ▶ Gestão
- ▶ Segurança do Trabalho

Conheças as soluções do Senai para sua empresa

(62) 4002-6213

www.senaigo.com.br



FIEG SENAI

Goiás Industrial

REVISTA DO SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE GOIÁS

Nº 276 / JUNHO 2017

Alex Malheiros



ENTREVISTA

10 / Previsto para este segundo semestre, leilão do trecho da Ferrovia Norte-Sul entre Palmas (TO) e Anápolis atrai atenção de investidores russos e chineses, além de dois grupos brasileiros, segundo Cêlio Eustáquio de Moura, presidente do Conselho Temático de Infraestrutura (Coinfra) da Fieg



JORNALISMO

08 / Morte de Reynaldo Rocha abala imprensa goiana

INDÚSTRIA DE ARMAS

09 / Gigante bélica Caracal, com sede nos Emirados Árabes Unidos e fábricas nos EUA e na Alemanha, lança pedra fundamental no Daia

GENTE DA INDÚSTRIA

40 / Empresa goiana Bioplace é uma das vencedoras de competição nacional em biotecnologia, o prêmio Bio Startup Lab

GIRO PELOS SINDICATOS

44 / Siaeg entrega os primeiros certificados do programa Alimento Confiável, selo que atesta boas práticas de fabricação



Salto de EMPREGABILIDADE

Cristiano Borges

CAPA

27 / Diogo, de 20 anos, Paulo Henrique, de 17, e Gabriel, de 16, aprendem mecânica de veículos pesados; Luiz Fernando, de 18, mecânica básica de automóveis. Aluna do curso de auxiliar administrativo, Raíssa, de 17 anos, já trabalha como aprendiz na Telemont, prestadora de serviços da Oi. Alunos de aprendizagem industrial na Escola Senai Vila Canaã, em Goiânia, eles embalam o sonho de, após concluir o ensino médio – que fazem simultaneamente à formação profissional – ingressar na faculdade, algo comum nessa faixa etária, porém com um diferencial: ter uma profissão encaminhada. No Senai, o caminho é facilitado pelo alto índice de empregabilidade: em torno de 80% de seus egressos conseguem vaga no mercado de trabalho antes mesmo da conclusão dos cursos.

TERCEIRIZAÇÃO GERAL

14 / Depois da sanção pelo governo do novo marco nas relações de trabalho, que autoriza as empresas a contratar trabalhadores sem vínculo trabalhista direto em todas as áreas de atuação, a indústria aposta fichas no avanço das reformas trabalhista, tributária e previdenciária para o País recuperar a competitividade no mercado global e voltar a gerar emprego. No artigo Crise e juros asfixiam o Brasil, o presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, lamenta o agravamento da crise política e institucional no momento em que o País começava a dar sinais de sair da recessão.



Alex Malheiros

ESCOLARIDADE E CIDADANIA

34 / Origem rural, baixa escolaridade. Esse é o perfil comum de trabalhadores na construção, quadro que começa a ser revertido com a ajuda de programas de educação desenvolvidos em parceria com o Sesi em Goiás. Depois de longos anos fora da escola, muitos deles retomam os estudos, em salas de aulas montadas por construtoras em canteiros de obras. Número de operários com diploma de ensino médio cresceu nos últimos anos no País.





SISTEMA FIEG

Federação das Indústrias do Estado de Goiás

Presidente: Pedro Alves de Oliveira

FIEG REGIONAL ANÁPOLIS

Presidente: Wilson de Oliveira

Av. Engº Roberto Mange, nº 239-A, Bairro Jundiá, CEP 75113-630, Anápolis-GO
Fone/Fax (62) 3324-5768 / 3311-5565
E-mail: fieg.regional@sistemafieg.org.br

SESI

Serviço Social da Indústria

Diretor Regional: Pedro Alves de Oliveira

Superintendente: Paulo Vargas

SENAI

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

Diretor Regional: Paulo Vargas

IEL

Instituto Euvaldo Lodi

Diretor: Hélio Naves

Superintendente: Humberto Oliveira

ICQ BRASIL

Instituto de Certificação Qualidade Brasil

Diretor: Sônia Rezende (interino)

Superintendente:

Dayana Costa Freitas Brito

Diretores

Sandro Antônio Scodro Mabel
Otávio Lage de Siqueira Filho
José Nivaldo de Oliveira
Jaime Canedo
Pedro Silvério Pereira
Joaquim Guilherme Barbosa de Souza
João Essado
Elvis Roberson Pinto
Sílvio Inácio da Silva
Eliton Rodrigues Fernandes
Olympio José Abrão
Carlos Roberto Viana
Luiz Gonzaga de Almeida
Luiz Ledra
José Antônio Vitti
José Luiz Martin Abuli
Wellington Soares Carrijo
Álvaro Otávio Dantas Maia
Jair Rizzi
Robson Peixoto Braga
Edilson Borges de Souza
José Divino Arruda
Domingos Sávio Gomes de Oliveira
Eduardo Cunha Zuppani
Mário Renato Guimarães de Azeredo
Emílio Carlos Bittar
Antônio Benedito dos Santos
Leopoldo Moreira Neto

Conselho fiscal

Célio Eustáquio de Moura
Jerry Alexandre de Oliveira Paula
Orizomar Araújo Siqueira

Conselho de representantes junto à CNI

Pedro Alves de Oliveira
Paulo Afonso Ferreira

Conselho de Representantes junto à Fieg

Abílio Pereira Soares Júnior
Ailton Aires Mesquita
Alexandre Araújo Moura
Alexandre Baldy de Sant'anna Braga
Álvaro Otávio Dantas Maia
Alyson José Nogueira
Antônio Alves de Deus
Antônio Benedito dos Santos
Antônio Humberto Alves de Sousa
Bruno Franco Beraldi Coelho
Carlos Alberto de Paula Moura Júnior

Carlos Alberto Vieira Soares
Carlos Roberto Viana
Célio Eustáquio de Moura
Daniel Viana
Domingos Sávio G. de Oliveira
Edilson Borges de Sousa
Eduardo Cunha Zuppani
Eduardo José de Farias
Eliton Rodrigues Fernandes
Elvis Roberson Pinto
Enoque Pimentel do Nascimento
Emílio Carlos Bittar
Eurípedes Felizardo Nunes
Fábio Rassi
Flávio Santana Rassi
Gilberto Martins da Costa
Hélio Naves
Heitor de Oliveira Nato Neto
Heribaldo Egidio
Ian Moreira Silva
Jaime Canedo
Jair Rizzi
Jaques Jamil Silvério
Jerônimo David de Sousa
Jerry Alexandre de Oliveira Paula
Joana D'Arc da Silva
João Essado
Joaquim Cordeiro de Lima
Joaquim Guilherme Barbosa de Souza
José Alves Pereira
José Antônio Vitti
José Divino Arruda
José Luiz Martin Abuli
José Magno Pato
José Romualdo Maranhão
Laerte Simão
Leopoldo Moreira Neto
Lúcio Monteiro dos Santos
Luiz Antônio Gonçalves Fidelis
Luiz Antônio Vessani
Luiz Gonzaga de Almeida
Luiz Rézio
Marley Antônio Rocha
Olavo Martins Barros
Otávio Lage de Siqueira Filho
Paulo Lobo de Araújo Júnior
Paulo Sérgio de Carvalho Castro
Pedro Alves de Oliveira
Pedro de Souza Cunha Júnior
Plínio Boechat Lopes
Roberto Elias de Lima Fernandes
Robson Peixoto Braga

Sandro Antônio Scodro Mabel
Ubiratan da Silva Lopes
Valdenício Rodrigues de Andrade
Wilson de Oliveira

CONSELHOS TEMÁTICOS

Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação

Presidente: Heribaldo Egidio

Conselho Temático de Meio Ambiente

Presidente: Pedro Silvério Pereira

Conselho Temático de Infraestrutura

Presidente: Célio Eustáquio de Moura

Conselho Temático de Relações do Trabalho

Presidente: Olympio José Abrão

Conselho Temático de Micro e Pequena Empresa

Presidente: Jaime Canedo

Conselho Temático de Responsabilidade Social

Presidente: Antônio de Sousa Almeida

Conselho Temático de Agronegócios

Presidente: Joaquim Guilherme Barbosa de Souza

Conselho Temático de Comércio Exterior e Negócios Internacionais

Presidente: Emílio Bittar

Conselho Temático Fieg Jovem

Presidente: Leandro Almeida

Câmara Setorial de Mineração

Presidente: Wilson Borges

Câmara Setorial da Indústria da Construção

Presidente: Sarkis Nabi Curi

DIRETORIA DA FIEG (2015-2018)

Presidente: Pedro Alves de Oliveira

1º Vice-presidente: Wilson de Oliveira

2º Vice-presidente: Antônio de Sousa Almeida

3º Vice-presidente: Gilberto Martins da Costa

1º Diretor Secretário: Carlos Alberto de Paula Moura Júnior

2º Diretor Secretário: Heribaldo Egidio

1º Diretor Financeiro: André Luiz Baptista Lins Rocha

2º Diretor Financeiro: Hélio Naves

EXPEDIENTE

Goias Industrial
REVISTA DO SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE GOIÁS

Direção

José Eduardo de Andrade Neto

Coordenação de jornalismo

Geraldo Neto

Edição

Lauro Veiga Filho e Dehovan Lima

Reportagem

Andeláide Lima, Célia Oliveira, Daniela Ribeiro e Janaina Staciari e Corrêa

Colaboração

Wellington da Silva Vieira
Adriana Moreno

Fotografia

Alex Malheiros

Projeto gráfico

Jorge Del Bianco

Capa, ilustrações, diagramação e produção

Jorge Del Bianco
DC Design Gráfico e Comunicação

Impressão

Gráfica Kelps

Departamento Comercial

(62) 3219-1720

Redação e correspondência

Av. Araguaia, nº 1.544, Ed. Albano Franco, Casa da Indústria - Vila Nova CEP 74645-070 - Goiânia-GO
Fone (62) 3219-1300 - Fax (62) 3229-2975

Home page: www.sistemafieg.org.br
E-mail: ascom@sistemafieg.org.br

As opiniões contidas em artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista



Crise e juros asfixiam o Brasil

No momento em que o Brasil começava a dar sinais de sair da recessão, com melhora de indicadores econômicos e emprego, andamento das reformas e perspectiva de queda dos juros, entusiasmando o mercado, eis que verdadeira bomba cai sobre Brasília, atingindo o presidente Michel Temer, com consequências e desfecho imprevisíveis, tamanha a amplitude da crise política e institucional. O País sempre conviveu com crises, mas a atual, umbilicalmente ligada ao fim do governo Dilma Rousseff e agora potencializada com o novo escândalo, é mais traumática por sua longevidade e efeitos sobre uma economia debilitada.

Se, no momento, afundamos em um mar de incertezas, historicamente o Brasil sofre com o pior dos vilões da atividade econômica, que só o fim da crise poderia combater: os juros. Invariavelmente, o País tem se colocado entre os que praticam as maiores taxas reais do mundo, sempre no pódio, entre os três primeiros lugares. Hoje, por exemplo, a taxa Selic está em 11,25%, enquanto a inflação anualizada beira os 4%, ou seja, juros reais de mais 7% aa. Na verdade, o custo efetivo total para os tomadores de empréstimos é muito maior porque a taxa Selic é apenas referencial para as transações interbancárias e balizador para a tomada de recursos pelo governo para custeio da dívida pública.

Segundo o Banco Central, a taxa média de juros para crédito rotativo - pessoa jurídica ficou em 41,26% aa em março de 2017, não incluídos os custos da operação. Os juros do cheque especial atingiram, no mês, assustadores 340,63% aa. para pessoas jurídicas e 327,95% para pessoas físicas. Ainda mais escandalosas são as taxas para cartões de crédito, entre 348% e 490,33%.

“Isso tem que acabar. Vencer a atual crise é o primeiro passo, pois alimentar o discurso do 'quanto pior, melhor' vai quebrar o País!”

PEDRO ALVES DE OLIVEIRA, empresário, presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) e do Conselho Deliberativo do Sebrae Goiás

Há muito batemos na tecla da queda dos juros para incentivar a retomada do crescimento da economia, ao favorecer os investimentos produtivos, estimular a produção e o consumo, contribuindo para geração de emprego e renda e redução das desigualdades. Somente em 2015 e 2016 os brasileiros perderam 2.865.365 postos de trabalho, dos quais 1.754.030 na indústria, mais impactada pela recessão e persistente crise. Segundo o IBGE, o desemprego já beira a casa dos 14 milhões de trabalhadores, atingindo pessoas de baixa renda e debilitando seu poder de compra.

Os bancos consomem as poucas energias que restam na economia das empresas e dos cidadãos. Os lucros das maiores instituições financeiras ultrapassaram, em 2016, a casa dos R\$ 50 bilhões, cerca de 1% PIB – total de todas as riquezas produzidas no País. Os astronômicos lucros dos bancos sugam, de forma asfixiante, recursos que poderiam gerar empregos, impostos e melhoria de qualidade de vida da população.

Isso tem que acabar. Vencer a atual crise é o primeiro passo, pois alimentar o discurso do “quanto pior, melhor” vai quebrar o País!

* Artigo publicado no jornal O Popular em 21/05/2017

INDÚSTRIAS VENCEM CRISE E CRESCEM COM CONSULTORIA

DO SENAI / A reportagem Negócios que venceram a crise, publicada em O POPULAR (veja fac-símile), dia 15 de maio, mostra casos de empresas na contramão da crise do País, a exemplo da Tapajós Indústria e Comércio de Produtos Naturais. Atendida pelo programa Brasil Mais Produtivo, executado em Goiás pelo Senai, a fábrica cresceu 18% no ano passado e gerou mais empregos com experiência bem-sucedida de reestruturação, segundo a empresária Grace Santos. O trabalho foi realizado pelo Instituto Senai de Tecnologia em Alimentos e Bebidas.

No âmbito do Brasil Mais Produtivo, o Senai Goiás fechou contrato com as empresas Moinho de Pedra, Millano Lanchonete, Kaeli Gelateria, Couro Santo, Gentleman, para consultoria com ferramentas de manufatura enxuta.

PATROLHA DIGITAL / O

desligamento do sinal de TV analógico em Goiânia e outras 27 cidades do Estado, dia 31 de maio, mobilizou alunos de unidades do Senai da capital, de Aparecida, Senador Canedo, Trindade e Anápolis, que participaram da campanha Patrulha Digital. Desenvolvida em parceria com a TV Anhanguera e a empresa Seja Digital, a iniciativa orientou e realizou atividades técnicas necessárias para o ajuste do sinal digital em aparelhos de televisão de residências de Goiânia e da Região Metropolitana. Cerca de 400 alunos do Senai capacitados para a campanha receberam certificados, no início de maio, em solenidade no Teatro Sesi.

ECONOMIA

Negócios que venceram a crise

EMPREENDEDORISMO Veja os caminhos que algumas empresas trilharam para conseguir superar uma das maiores crises econômicas da história e até mesmo voltar a crescer

Luís Mello

luismello@opm.com.br



Após um ano de vendas caíram mais de 20%, a empresária Grace Santos reagiu. Resultado: emprego, produção e vendas novas clientes.

O velho ditado que diz que "quanto mais chovem, outros vendem lençóis" está se tornando realidade. Os produtores não podem ficar quietos e têm que encontrar caminhos para sobreviver. Mas a verdade é que tem gente aprendendo tanto na crise, recuperando problemas e, quem sabe, voltando a crescer.

Qual o segundo? Aí, depois, se for a empresária Grace Santos, dona de Tapajós Indústria e Comércio de Produtos Naturais, que produz alimentos orgânicos para gerar energia elétrica. Depois de um ano de vendas caíram mais de 20% em 2015, ela viu que precisava mudar.

A primeira medida foi fazer mudanças. "Precisamos reestruturar para reduzir custos, melhorar o fluxo de caixa", lembra a empresária. Ela também investiu em toda linha de produção, para aumentar a produtividade e garantir custos, além de investir em mais mão de obra para manter o nível de produção. O plano era de fazer uma nova linha de produção com novos clientes no mercado, usando ferramentas de produção para melhorar a qualidade e a eficiência.

A indústria, contudo, não quer que a produção seja afetada. É preciso garantir a qualidade e a eficiência. Isso é feito através de ferramentas de produção, como o uso de máquinas e equipamentos modernos. Além disso, é importante investir em capacitação para garantir a qualidade e a eficiência da produção.

Para ela, o cenário atual exige que as empresas sejam mais ágeis e tenham capacidade de resposta rápida. Isso é feito através de ferramentas de produção, como o uso de máquinas e equipamentos modernos. Além disso, é importante investir em capacitação para garantir a qualidade e a eficiência da produção.

Hoje, o cenário atual exige que as empresas sejam mais ágeis e tenham capacidade de resposta rápida. Isso é feito através de ferramentas de produção, como o uso de máquinas e equipamentos modernos. Além disso, é importante investir em capacitação para garantir a qualidade e a eficiência da produção.

Além disso, é importante investir em capacitação para garantir a qualidade e a eficiência da produção. Isso é feito através de ferramentas de produção, como o uso de máquinas e equipamentos modernos. Além disso, é importante investir em capacitação para garantir a qualidade e a eficiência da produção.

Cenário atual exige novos modelos de negócio

Toda crise tem um fim. É o chamado ciclo de vida. O ciclo sempre começa com o início. Depois disso, há o crescimento, a maturidade e o declínio. É importante entender esse ciclo para saber quando agir e como agir.

Para isso, é importante investir em capacitação para garantir a qualidade e a eficiência da produção. Isso é feito através de ferramentas de produção, como o uso de máquinas e equipamentos modernos. Além disso, é importante investir em capacitação para garantir a qualidade e a eficiência da produção.

Além disso, é importante investir em capacitação para garantir a qualidade e a eficiência da produção. Isso é feito através de ferramentas de produção, como o uso de máquinas e equipamentos modernos. Além disso, é importante investir em capacitação para garantir a qualidade e a eficiência da produção.

Além disso, é importante investir em capacitação para garantir a qualidade e a eficiência da produção. Isso é feito através de ferramentas de produção, como o uso de máquinas e equipamentos modernos. Além disso, é importante investir em capacitação para garantir a qualidade e a eficiência da produção.

Além disso, é importante investir em capacitação para garantir a qualidade e a eficiência da produção. Isso é feito através de ferramentas de produção, como o uso de máquinas e equipamentos modernos. Além disso, é importante investir em capacitação para garantir a qualidade e a eficiência da produção.

Além disso, é importante investir em capacitação para garantir a qualidade e a eficiência da produção. Isso é feito através de ferramentas de produção, como o uso de máquinas e equipamentos modernos. Além disso, é importante investir em capacitação para garantir a qualidade e a eficiência da produção.

Além disso, é importante investir em capacitação para garantir a qualidade e a eficiência da produção. Isso é feito através de ferramentas de produção, como o uso de máquinas e equipamentos modernos. Além disso, é importante investir em capacitação para garantir a qualidade e a eficiência da produção.

Além disso, é importante investir em capacitação para garantir a qualidade e a eficiência da produção. Isso é feito através de ferramentas de produção, como o uso de máquinas e equipamentos modernos. Além disso, é importante investir em capacitação para garantir a qualidade e a eficiência da produção.

Além disso, é importante investir em capacitação para garantir a qualidade e a eficiência da produção. Isso é feito através de ferramentas de produção, como o uso de máquinas e equipamentos modernos. Além disso, é importante investir em capacitação para garantir a qualidade e a eficiência da produção.

Além disso, é importante investir em capacitação para garantir a qualidade e a eficiência da produção. Isso é feito através de ferramentas de produção, como o uso de máquinas e equipamentos modernos. Além disso, é importante investir em capacitação para garantir a qualidade e a eficiência da produção.

18%

Crescimento em 2016

de vendas

da Tapajós Indústria e Comércio de Produtos Naturais

de acordo com o relatório de resultados da empresa

PARA ELEVAR A PRODUTIVIDADE / Os Institutos Senai de Tecnologia em Alimentos e Bebidas e de Automação Industrial, ambos em Goiânia, vão realizar consultorias, no âmbito do Programa de Apoio à Competitividade das Micro e Pequenas Indústrias (Procompi), em 50 empresas goianas de alimentos e metalmeccânica. As consultorias focam, no primeiro segmento, garantir segurança alimentar e o aumento da produtividade, enquanto indústrias de metalmeccânica serão orientadas na implantação de manufatura enxuta (lean manufacturing), visando à redução de desperdícios, aumento da produtividade, melhoria de processos de fabricação e maior lucratividade.

Por meio do Programa Brasil Mais Produtivo, o Senai Goiás atenderá às empresas Moinho de Pedra, Millano Lanchonete, Kaeli Gelateria, Couro Santo e Gentleman em consultorias com ferramentas de manufatura enxuta. O objetivo é incrementar em, no mínimo, 20% a produtividade das indústrias.

Inovação – Seis projetos de indústrias goianas foram escolhidos para participar da próxima fase do Edital Senai Sesi de Inovação, de abrangência nacional. As empresas Felipe Perrone, Reverso Reciclagem, Tapajós Indústria, Termosafe e Biogermany desenvolveram projetos em parceria com o Instituto Senai de Tecnologia em Alimentos e a empresa RYD Engenharia, com o Instituto Senai de Tecnologia em Automação Industrial.

FIGE COBRA REDUÇÃO DE JUROS / O presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, aproveitou a passagem por Goiânia, em março, da “Caravana FCO em Goiás” para cobrar do Banco do Brasil revisão das taxas de juros de financiamentos, diante do quadro de crise econômica do País. “O atual cenário econômico requer a redução das taxas de juros dos financiamentos. Já usufruímos de taxas próximas de 4% em situação de economia dinâmica e de inflação superior a 4,1% estimada pelo Banco Central para 2017. Tal redução contribuirá significativamente para a retomada do crescimento dos investimentos produtivos”, disse. Durante o evento, no Teatro Sesi, com presença do presidente do Banco do Brasil, Paulo Caffarelli, e do ministro da Integração, Helder Barbalho (foto), a instituição colocou à disposição do setor produtivo recursos da ordem de R\$ 10,3 bilhões para apoiar o desenvolvimento econômico e social do Centro-Oeste, por meio das linhas do FCO (Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste).



Alex Malheiros



Alex Malheiros

RESGATE HISTÓRICO (1) / Durante o 1º Encontro da Cadeia da Indústria da Construção de Goiás, o secretário da Fazenda, Fernando Navarrete, recebe dos presidentes da Fieg e do Conselho Deliberativo do Sebrae Goiás, Pedro Alves de Oliveira, e da Câmara da Indústria da Construção, Sarkis Nabi Curi, placa alusiva à comemoração dos 80 anos da construção do Palácio das Esmeraldas. Sede do governo do Estado e palco de acontecimentos políticos, sociais e culturais, o prédio (foto) projetado pelo arquiteto e urbanista Atilio Corrêa Lima compõe o acervo art déco da capital, mundialmente famoso.

RESGATE HISTÓRICO (2) / Tombado pelo Estado e pelo município, sua construção foi autorizada em 1933, pelo interventor Pedro Ludovico Teixeira, logo após o lançamento da pedra fundamental de Goiânia, e concluída em 1937. Conta a história que foi batizado com esse nome por sugestão do primeiro prefeito de Goiânia, Venerando de Freitas Borges, que considerava sua pintura esverdeada semelhante a uma esmeralda. “Inicialmente o prédio era chamado de Casa Verde e Venerando entendia que o nome remetia à Casa Rosada, Casa Branca, sedes dos governos argentino e norte-americano”, lembra o jornalista Hélio Rocha.

Goiás.gov.br



Enio Tavares



■ **Reynaldo Rocha:** ícone da imprensa goiana

A ÚLTIMA PAUTA DE REY / “Os bons exemplos sempre serão lembrados.” A mensagem do Sindicato dos Jornalistas de Goiás, entre várias outras no velório do jornalista Reynaldo Rocha, expressou o sentimento de muitos colegas, amigos e familiares durante sua despedida, dia 22 de maio, no Cemitério Jardim das Palmeiras. Sua morte, aos 73 anos, abalou a imprensa goiana, onde fez carreira de sucesso. Formado na primeira turma de jornalismo da UFG, Rey – como era carinhosamente chamado – trabalhou no jornal O Popular, onde foi editor chefe; na TV Anhanguera e na Rádio CBN, no Jornal Opção e comandou o programa Roda de Entrevista, da TBC. Na Fieg, cuidava do boletim virtual diário Compacto, entre outras atividades. Pouco antes de seu falecimento, preparava um artigo para esta edição de **Goiás Industrial**. Não deu tempo!

Filho do poeta Benedito Rocha, herdou o gosto pela literatura. “Ele tinha sonho de escrever livros, mas infelizmente não deu tempo”, lamenta a irmã, jornalista Ana Cláudia Rocha, titular da coluna Spot, de O Popular. Ele deixa a mulher, a educadora Ângela Maria Cardim Rocha, os filhos Cláudio e Daniela Cardim Rocha e os netos João Marcelo e Maria Clara.

MAIS BIBLIOTECAS / Alvo da reportagem especial Ler no trabalho? Por que não?, publicada na edição anterior de **Goiás Industrial**, o programa Biblioteca Sesi na Empresa inaugurou mais quatro unidades, entre abril e maio, em indústrias goianas. GSA Alimentos, em Aparecida de Goiânia; Triunfo Concebra, em Goiânia; Odebrecht Agroindustrial – Usina Rio Claro (foto), em Cachoeira Alta; e Caoa Montadora de Veículos (Hyundai), em Anápolis, passam a integrar a rede no Estado, que inclui também o programa Indústria do Conhecimento, somando mais de 30 unidades.



Silvio Simões

NOVA ESCOLA SESI SENAI / Um investimento de R\$ 28 milhões, nasce na Região Noroeste de Goiânia a Unidade Integrada Sesi Senai Jardim Colorado, construída em área de 16 mil m² cedida pela Prefeitura. Com inauguração prevista para o segundo semestre de 2018, a nova escola vai oferecer ensino médio e formação profissional, atendendo à região, que abriga cerca de 400 mil habitantes. Também deverá absorver demandas dos municípios vizinhos de Trindade, Inhumas, Goianira, Nova Veneza e Santo Antônio.



Alex Malheiros

■ **Diretores da Fieg, do Sesi e Senai** visitam obras da nova escola da indústria



■ O presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, cumprimenta o governador Marconi Perillo durante o lançamento da pedra fundamental da Caracal Brasil, ao lado do deputado federal Alexandre Baldy, do prefeito de Anápolis, Roberto Naves Siqueira, e dos diretores da indústria bélica Hamad Salem Al Almeri e Paulo Humberto Barbosa (direita)

Indústria de armas dispara no Daia

Fruto de recente missão comercial ao Oriente Médio, unidade da gigante bélica Caracal, com sede em Abu Dabi, é implantada no Daia, num investimento de R\$ 550 milhões e previsão de gerar 600 empregos

Pouco mais de um mês depois de missão comercial ao Oriente Médio, com participação da Fieg, entre fevereiro e março, a gigante bélica Caracal, com sede em Abu Dabi, nos Emirados Árabes Unidos, e fábricas nos Estados Unidos e na Alemanha, disparou a senha para investimentos em Goiás. A Caracal Brasil lançou, dia 10 de abril, a pedra fundamental para construção de unidade no Distrito Agroindustrial de Anápolis (Daia), com previsão de iniciar produção em 18 meses. Inicialmente, serão fabricadas pistolas e, gradualmente, o portfólio incluirá novas armas, como submetralhadoras, rifles de assalto e de precisão para atiradores de elite (*snipers*), calibres 9 mm, 5.56 mm, 7.62 mm e ponto 380 win.

Com investimentos de R\$ 550 milhões para tocar as obras, em área de 113 mil m², maquinários e capacitação profissional, a estimativa inicial é de gerar 600 empregos diretos e indiretos, podendo atingir a contratação de 1,5 mil funcionários, de acordo com o aumento de escala ao

longo dos anos. A produção será destinada ao Brasil e a países da América Latina.

Os planos da empresa vislumbram em, no máximo cinco, superar toda a indústria nacional. O País é o quarto maior exportador de armas do mundo. “A linha de produtos da Caracal é muito grande, é impossível mensurar em quanto tempo fabricaremos toda a linha”, afirmou o empresário Paulo Humberto Barbosa, que tem parceria no empreendimento com Augusto de Jesus Delgado Junior e Hamad Salem Al Almeri.

A indústria goiana é considerada pela Caracal estratégica para sua expansão. “A Caracal é uma indústria que tem foco na exportação de seus produtos para a América Latina e vai contribuir para o PIB e a geração de empregos no Estado de Goiás”, disse o governador Marconi Perillo, durante o lançamento da pedra fundamental no Daia. (com informações de O Popular). ■

Faltou combinar com RUSSOS E CHINESES

Lauro Veiga Filho

Fotos: Alex Malheiros

Inaugurado há pouco mais de um ano, o trecho da Ferrovia Norte-Sul entre Palmas (TO) e Anápolis, na prática, continua virtualmente inoperante. O início efetivo das operações dependerá principalmente do leilão para concessão do chamado tramo central da ferrovia, avalia Célio Eustáquio de Moura, presidente do Conselho Temático de Infraestrutura (Coinfra) da Fieg, em entrevista à **Goiás Industrial**. A expectativa é de que o edital seja publicado a tempo de realizar o leilão ainda no segundo semestre. Célio Eustáquio antecipa interesse de investidores russos, chineses e de dois grupos brasileiros.

Goiás Industrial – O trecho da Ferrovia Norte-Sul desde Palmas (TO) a Anápolis foi concluído há pouco mais de um ano, mas na prática não está operando. Qual a visão do Conselho Temático de Infraestrutura da Fieg em relação a essa situação e o que deveria acontecer para que a ferrovia se torne efetivamente operacional?

Célio Eustáquio de Moura – Na visão do conselho, da Fieg e do setor produtivo, a demora é muito perniciosa para toda a economia estadual, na medida em que poderíamos estar barateando os custos de produção, o que nos permitiria ter maior competitividade no mercado internacional, já que o transporte de cargas pela ferrovia agilizaria as exportações, baratearia o custo dessa logística e teríamos inclusive maior celeridade na entrega de nossos produtos, tanto das commodities quanto daqueles produtos com maior valor agregado. O tramo norte da ferrovia já está operando entre Palmas e o porto de Itaqui, no Maranhão, passando por um trecho da Ferrovia de Carajás, da Vale, inclusive com um terminal bastante importante, com empresas e toda a estrutura de armazenamento, no outro lado do Rio Tocantins, no município de Porto Nacional, em frente de Palmas. Entre Porto Nacional e Anápolis, o tramo central de fato está pronto, mas a operação enfrenta dificuldades na medida em que esse trecho ainda não foi concessionado. A ausência de uma concessão, no caso, dificulta a operação. Nós advogávamos a proposta de

um sistema horizontal de concessão, que contemplaria vários operadores. Mas como o governo federal entendeu que precisava captar mais recursos com o leilão de concessão do tramo, foi proposto um sistema vertical de operação. Ou seja, haverá um concessionário, que será o único operador, o que de certa forma inibe uma concorrência mais acirrada.

Goiás Industrial – O que o setor espera a partir da definição desse modelo?

Célio Eustáquio – A aprovação no início de maio pelo Senado da Medida Provisória 752 (que regula a prorrogação das concessões em vigor, define normas para sua relicitação e autoriza o direito de passagem nas ferrovias) fez com que houvesse a inclusão de novas práticas. A medida permite a participação de outros operadores, que são chamados de operadores ferroviários independentes (OFI), e determina ainda uma permissão de passagem, ou seja, você reserva um porcentual da capacidade da ferrovia para o transporte de cargas de outros operadores. Tínhamos um gargalo muito grande que já estava se apresentando ao Norte, com a Ferrovia de Carajás, que coloca um certo limite para o transporte de cargas da Norte-Sul, porque lá há um grande fluxo de minérios. A Carajás é uma ferrovia privada, da Vale, e é operada pela mineradora e o principal interesse da empresa é o transporte de cargas de minérios. Houve determinação de uma



“HÁ UMA INTENÇÃO EXPLÍCITA DE INVESTIDORES RUSSOS DE PARTICIPAR DESSE LEILÃO (DE CONCESSÃO DO TRAMO CENTRAL DA NORTE-SUL). OS CHINESES, COMO TÊM EXCESSO DE CAPITAL, PODEM IGUALMENTE TER INTERESSE. EXISTE AINDA INTERESSE DE DOIS GRUPOS BRASILEIROS”

reserva de carga para a Ferrovia Norte-Sul, mas não representa volume muito significativo. Porém, já é uma sinalização para que haja sobrevida para a Norte-Sul.

Goiás Industrial - Qual o tamanho dessa cota? Isso resolveria a questão do direito de passagem de terceiros operadores?

Célio Eustáquio – Não há essa cota. Existe sim certo consenso, uma percepção de que é necessária essa permissão de passagem e essa reserva de capacidade de transporte. Tem de haver essa capacidade, essa reserva de carga, porque não adianta dizer que pode passar se há um fluxo tão grande de cargas que não permite de fato que as composições da Norte-Sul possam utilizar a Ferrovia de Carajás. No curtíssimo prazo, enquanto não se observam volumes tão grandes de carga na Norte-Sul, a questão está resolvida.

Goiás Industrial - Há problemas em outros trechos da via?

Célio Eustáquio – No tramo sul, de Anápolis a Estrela D'Oeste (SP), temos uma condição que se apresentava ainda pior, num gargalo ainda maior. Como já há um volume de cargas suficiente para comprometer toda a capacidade de transporte da Malha Paulista, administrada pela ALL/Rumo, haveria impossibilidade de escoar as cargas oriundas de Goiás até os portos do Sul, como Santos, Paranaguá e outros. Por quê? Porque quando as cargas chegarem ao interior de São Paulo, não haverá capacidade de transporte, porque ela já terá sido toda consumida pelas cargas de grãos de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, que são grandes

produtores de commodities agrícolas e demandam muita capacidade de transporte. Com a MP 752, incluiu-se uma previsão de reserva de capacidade de carga e a consequente permissão de passagem para operadores ferroviários independentes. Foi uma vitória grande para o setor produtivo do Estado, porque essa providência não estava prevista no texto original da MP. No entanto, esta não é a condição ideal, na medida em que não houve a delimitação dessa reserva. Gostaríamos que 30% da capacidade de carga da Malha Paulista fosse reservada para a Norte-Sul e isso não ocorreu, ou seja, não houve uma explicitação no texto aprovado. Mas ficou explícito, de qualquer forma, que deverá haver reserva de carga e a permissão de passagem pelos operadores independentes. Foi uma vitória, mas não tão clara. Da mesma forma, temos hoje o direito de utilização de uma capacidade de carga na Ferrovia de Carajás a Itaqui (MA), mas não está explícito um percentual de uso. Por enquanto, isso não tem sido um problema, porque toda a carga da Norte-Sul tem fluído por aquele trecho sem problemas.

Goiás Industrial - Qual a expectativa em relação ao leilão de concessão do trecho entre Palmas e Anápolis?

Célio Eustáquio – Precisamos que as condições do leilão, agora com essa permissão de passagem nos tramos Sul e Norte, sejam suficientes para atrair interessados. Queremos que a Norte-Sul seja atraente aos investidores, porque a ferrovia só vai se tornar interessante se permitir o acesso aos portos. Uma ferrovia que se encerra em si mesma, sob o ponto de vista físico, sem chegar ao mar, não vai ser interessante. Então, com essa viabilização do uso ►

da capacidade de carga no tramo Norte até o porto de Itaqui, facilitamos a atração de investimentos. A conclusão do tramo Sul, até Estrela D'Oeste, pode se dar a qualquer momento, bastando que o governo libere recursos. Esse trecho da ferrovia poderá ser terminado num prazo muito curto, porque mais de 90% da via estão concluídos. O que neste momento se necessita é de uma vontade política expressa para a aplicação de recursos públicos na via.

Goiás Industrial - Qual o potencial de transporte de cargas da Norte-Sul?

Célio Eustáquio – Acredito que o potencial será crescente. No momento, não temos um volume tão expressivo de carga, mas este terá um crescimento exponencial. Com grande produção local e a melhoria da logística, espera-se demanda cada vez maior. A logística moderna trabalha com a integração de todos os modais, com uso de caminhões para distâncias menores, da rede ferroviária para percursos mais longos e o transporte aéreo para distâncias razoáveis e mercadorias de maior valor agregado. Temos de integrar tudo isso para que possamos ter uma logística favorável ao setor produtivo, diminuindo custos e tornando ele mais eficiente.

Goiás Industrial - Quando deve ser lançado o edital para leilão da concessão do trecho central da Norte-Sul diante do cenário de crise política?

Célio Eustáquio – Tenho uma visão otimista, mas com muita preocupação. Reunimos todas as condições de lançar esse edital e lograr êxito. Um componente muito importante nesses leilões é a confiança do empresário-investidor na segurança jurídica e econômico-financeira. Essa de fato é uma preocupação, mas somos otimistas porque é um investimento que se mostra sólido, com perspectivas de geração de resultados positivos para o investidor. O Brasil está preparado para crescer, embora estejamos no momento com crescimento muito baixo, muito próximo de zero. Assim que voltarmos à normalidade e houver a percepção do mercado de que podemos crescer e investir, todo esse cenário de crise ficará para trás e a ferrovia será muito demandada, terá muita carga e solucionará muitos de nossos problemas de logística.

Goiás Industrial - O conselho dispõe de alguma estimativa em relação à influência da ferrovia no custo logístico para o Estado?



“**A DEMORA (NA OPERAÇÃO DA FERROVIA NORTE-SUL) É MUITO PERNICIOSA PARA TODA A ECONOMIA ESTADUAL, NA MEDIDA EM QUE PODERÍAMOS ESTAR BARATEANDO OS CUSTOS DE PRODUÇÃO, O QUE NOS PERMITIRIA TER MAIOR COMPETITIVIDADE NO MERCADO INTERNACIONAL**”

Célio Eustáquio – Não trabalhamos muito com números diante da diversidade de variáveis existentes. Para demandar o transporte, o setor produtivo precisa, primeiro, de acesso à ferrovia. Na medida em que você não disponibiliza muitas plataformas ao longo dessa ferrovia, temos então uma dificuldade. Precisamos que os preços praticados pelos operadores independentes e pelos concessionários sejam competitivos, o que trará reflexos relevantes quando comparado às condições atuais, com impactos favoráveis para as exportações, para o negócio do setor produtivo e para a economia em

geral. Temos de entender que tudo isso demanda uma série de fatores, do compromisso do vencedor do leilão para com os cofres do governo, de sua capacidade de investir. Temos investimentos importantes pela frente em sinalização, em plataformas que ainda não foram feitas. Conta também o grau de expertise do futuro concessionário e de seu bom senso no relacionamento com os operadores ferroviários independentes.

Goiás Industrial - Há alguma estimativa em relação ao investimento que ainda precisa ser feito na ferrovia?

Célio Eustáquio – Esse levantamento foi feito, mas não dispomos dele na medida em que estamos focados neste momento na busca de soluções administrativas e políticas para viabilizar a operação, eliminando entraves e conversando com parlamentares, ANTT (Agência Nacional de Transportes Terrestres) e o próprio Dnit (Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes). Estamos mais preocupados com as coisas que afetam a operação no campo institucional e político do que com o volume de investimentos.

Goiás Industrial - Nessas conversas, já é possível desenhar uma modelagem para a concessão daquele tramo?

Célio Eustáquio – Como disse, há uma definição em favor da verticalização, ou seja, o vencedor do leilão será não só detentor da concessão como assumirá todos os investimentos, que não é a visão nossa, que prevê a questão da horizontalidade da concessão, com permissão de vários operadores para um mesmo tramo. Porém, acreditamos que, com a MP 752 e a previsão de operadores independentes, com reserva de capacidade de carga e permissão de passagem, isso irá viabilizar a ferrovia e tornar competitivo o

sistema. O que nos preocupa é que o transporte ferroviário não pode se basear no rodoviário para estabelecer custos de frete. O setor ferroviário tem de ter a mentalidade de que ele precisa ser operado com base em seus custos próprios, com valores mínimos que assegurem o retorno do investimento, seu crescimento, a atualização de todo o sistema e a competitividade do modal. O setor deve entender que precisa oferecer um produto bom, de qualidade e a preços competitivos, tendo consciência de que o transporte rodoviário é outro tipo de modal.

Goiás Industrial - Já se tem uma antevisão de quais poderão ser os principais interessados em participar do leilão? Fala-se muito sobre a China, por exemplo.

Célio Eustáquio – A China até que tem demonstrado menos interesse do que os russos. Há uma intenção explícita de investidores russos de participar desse leilão. Os chineses, como têm excesso de capital, podem igualmente ter interesse. Existe ainda interesse de dois grupos brasileiros de participar desse leilão. No momento, não avaliados os impactos dessa mais recente crise política, há esses interessados. Isso não impede que surjam novos ou mesmo que esse número seja reduzido, a depender de como a crise venha a influenciar a percepção de risco, de segurança jurídica e econômico-financeira. Acreditamos, de qualquer

forma, que o Brasil é muito maior do que qualquer crise e reúne capacidade, tanto de pessoas quanto de recursos, para voltar a crescer. O problema é que estamos em um momento, acredito, de depuração, de melhora. Ao sair dessa crise, o País estará em condições muito adequadas ao investimento estrangeiro e doméstico e ao crescimento. Acreditamos que o Brasil crescerá de forma robusta. E vamos precisar de investimentos em infraestrutura para nos preparar para esse crescimento.

Goiás Industrial - Para quando se pode esperar o lançamento desse edital?

Célio Eustáquio – Havia uma sinalização do governo de que o edital e o leilão deverão ser realizados agora, no segundo semestre. Agora, o que acho importante não é tanto a celeridade de todo esse processo, mas o êxito desse leilão. Precisamos que esse leilão seja bem-sucedido e que não tenhamos um retrocesso. Há a necessidade de que as condições (do leilão) favoreçam a participação de muitos interessados e de que haja, de preferência, algum sobre preço, sinalizando a importância desse modal e da nossa região para a logística nacional. Inclusive, costumamos chamar a ferrovia não de Norte-Sul, mas de Ferrovia de Integração Nacional, na medida em que ela permitirá acesso a todas as regiões do País. ■



Um serviço pensado para aumentar a rentabilidade do seu negócio

Apoio especializado para acompanhamento dos mercados agrícolas

Cobertura de commodities:

- ◆ Soja (grão, farelo e óleo)
- ◆ Milho
- ◆ Trigo
- ◆ Açúcar
- ◆ Café

- ◆ Acesso Direto ao Consultor (Open Line)
- ◆ Alertas em tempo real (e-mail, whatsapp, SMS ou telefone)
- ◆ Reuniões Presenciais
- ◆ Estratégias personalizadas e construção de cenários sob medida
- ◆ Teleconferências

Solicite uma demonstração gratuita:

www.safras.com.br (51) 3290-9200





A primeira VITÓRIA

Novo marco sancionado no final de março pelo governo atende à demanda dos mercados e é considerado como “uma vitória” pelo setor industrial



■ **Em votação:** Câmara debate e aprova projeto que regulamenta a terceirização mesmo em atividades fim das empresas

Aprovada recentemente pelo Congresso, a nova lei da terceirização abriu as portas para que as empresas possam contratar trabalhadores sem vínculo trabalhista direto em todas as áreas de atuação, incluindo as chamadas atividades fins. “O novo marco jurídico significará a pacificação das relações trabalhistas, gerando segurança jurídica ao regular situações já estabelecidas. O trabalhador não terá perda de direitos e sua proteção jurídica será duplicada, por meio da empresa que o contrata diretamente e pela empresa tomadora do serviço”, afirma Célio Eustáquio de Moura, presidente do Sindicato da Indústria da Construção, Geração, Transmissão e Distribuição de Energia Elétrica do Estado de Goiás (Sindcel).

“É uma vitória! Essa regulamentação dá segurança jurídica às empresas e aos contratados, evita ações judiciais e possibilita que a indústria se adeque às exigências do mercado e às novas formas de trabalho”, celebra Sandro Mabel, presidente do Sindicato das Indústrias de Alimentação no Estado de Goiás (Siaeg). Na visão

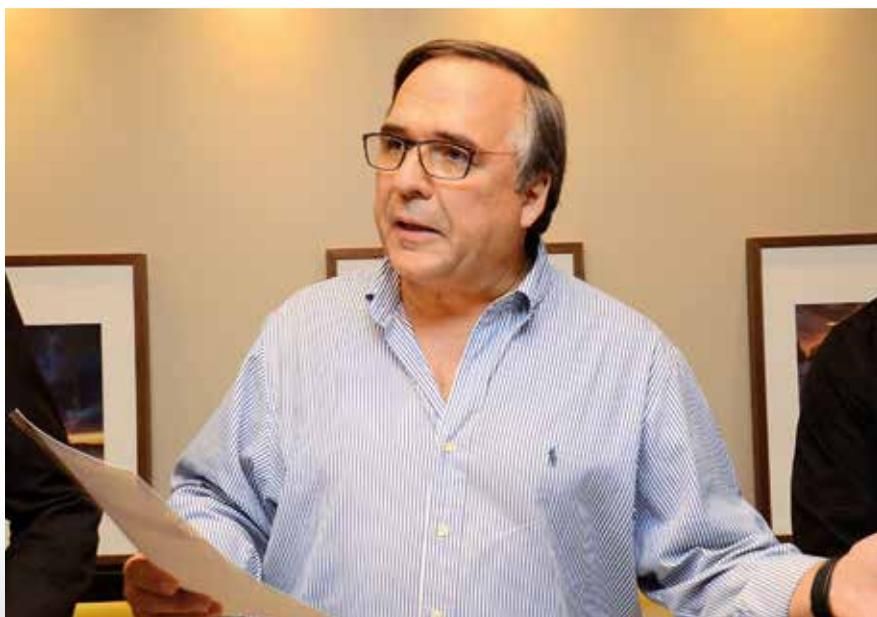


de Mabel, a ausência de regulamentação do serviço terceirizado significava risco permanente para o empregador, já que, diz ele, “a legislação trabalhista atual é ultrapassada e não leva em conta as necessidades do mercado, que mudou muito desde a criação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), e que se transforma cada vez mais rápido, todos os dias. O empresário vai poder investir mais em mão de obra qualificada.”

Revisando a trajetória do mercado, Mabel observa que o serviço terceirizado já é realidade “há muito tempo em todo o País”, ocupando mais de 15 milhões de trabalhadores. “O que vai acontecer agora é que essas pessoas vão ter mais segurança, pois seus direitos estão garantidos em lei, e também está na lei a quem pertence cada obrigação.”

Sectores sindicais e de oposição ao governo, no entanto, consideram que a mudança poderá trazer maior precarização das relações de trabalho, com redução de salários, perda de direitos, menor segurança para o trabalhador, além de estimular a rotatividade e dificultar a formação e qualificação de mão de obra. Mabel considera infundadas as críticas, nas quais identifica um “cunho político e de manutenção de poder”. De acordo com ele, “a grande verdade é que os sindicatos temem perder arrecadação e poder. A nova lei estabelece responsabilidades, ou seja, agora o Poder Judiciário vai saber de quem cobrar cada coisa, pois está estabelecido no texto.”

Adicionalmente, prossegue Mabel, “acidentes de trabalho não são interessantes para ninguém. Nenhum empresário quer ver sua empresa envolvida em acidente de trabalho e agora a cobrança pelo cumprimento das normas de segurança tem endereço certo.” O presidente do Siaeg acrescenta que a rotatividade de funcionários, da mesma forma, “não é interessante para a indústria, pois necessita de investimento em mão de obra qualificada.



■ **Sandro Mabel:** regulamentação traz segurança jurídica para empresas e seus contratados, evitando ações judiciais

Treinar e capacitar um funcionário é caro, portanto o mais interessante é mantê-lo na indústria. Como se pode ver, as críticas são feitas por aqueles que sequer leram o texto da lei”, alfineta ainda.

ESPECIALIZAÇÃO NO SETOR ELÉTRICO

No setor de construção, geração, transmissão e distribuição de energia elétrica em Goiás, afirma Célio Eustáquio de Moura, presidente do Sindcel, em torno de 90% do pessoal empregado trabalha em regime de terceirização, sistema que permite reduzir custos, favorecendo a especialização e qualificação dos trabalhadores em atividades como corte e religação, construção e manutenção de redes elétricas, sempre conforme o empresário. Apenas na base do sindicato estão registradas perto de 800 empresas nos diversos segmentos representados, “envolvendo uma gama muito grande de especialidades que exigem conhecimento profundo de cada segmento.”

Eustáquio pontua que a terceirização existe em vários países e “nem sempre é regulamentada, já que esse tipo de contratação é encarado, lá fora, como algo normal

e amplamente reconhecido, sem restrições”. O presidente do Sindcel argumenta que, mesmo na terceirização, as empresas sempre estarão obrigadas a atender à legislação em vigor, adotando “quesitos de segurança e de saúde no trabalho, além de respeitar outras garantias e direitos do empregado.”

As empresas do setor, continua Eustáquio, já realizam investimentos elevados em melhorias das condições de trabalho e no treinamento de pessoal, “o que inibe acidentes e contribui para a preservação da saúde laboral”. Essa é igualmente uma “preocupação econômica” para o setor, destaca ele, pois “acidentes e absenteísmo significam custos a mais para a indústria, afetando negativamente também a produtividade.”

“UM FENÔMENO MUNDIAL”

Especificamente no setor da construção civil, comenta Carlos Alberto Moura, presidente do Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás (Sinduscon-GO), havia o entendimento segundo o qual o assunto (terceirização) já estava devidamente regulado pelo artigo 455 da CLT. De acordo com Moura, aquele



■ **Célio Eustáquio:** empresas estarão sempre sujeitas à legislação que regula a segurança e a saúde no local de trabalho



■ **Carlos Alberto de Moura:** regime favorece ganhos na produção, otimizando tempo e evitando os problemas de rotatividade

artigo estabelece que, “nos contratos de subempreitada, responderá o subempreiteiro pelas obrigações derivadas do contrato de trabalho que celebrar, cabendo, todavia, aos empregados, o direito de reclamação contra o empreiteiro principal pelo inadimplemento daquelas obrigações por parte do primeiro.”

O ambiente de “constante insegurança jurídica” observado mais recentemente, em suas palavras, levou o setor a defender a aprovação de um marco legal conclusivo sobre a terceirização. “Por essa razão recebemos com contentamento a aprovação do referido projeto de lei.” A terceirização, analisa Moura, “favorece, entre outros fatores, ganhos na produção, otimizando tempo e evitando os problemas ocasionados pela rotatividade, entre os quais eventual perda de qualidade”. Conforme ele, “a terceirização é um fenômeno mundial. Não existe empresa tão verticalizada que não terceiriza nada do que é necessário para a entrega do seu produto.”

A atividade da construção, sempre na observação de Moura, incorpora características que a diferenciam de outras, “notadamente quanto aos serviços especializados de curta duração que se sucedem

em uma mesma obra envolvendo a cadeia produtiva, a exemplo dos trabalhos de fundação, instalação elétrica e hidráulica, esquadrias, vidros, gesso, reboco, pintura, fachadas, pavimentação, rede de água e esgoto, obras de arte especiais e outros”. São serviços, diz ele, que exigem profissionais especializados “ou equipamentos especiais de alto custo e baixa utilização em uma mesma empresa, sendo inviável a contratação de todos eles para o quadro permanente das empresas construtoras.”

Empresas especializadas, em geral pequenas e médias, além de algumas de grande porte, “congregam os citados profissionais qualificados, mediante vínculo de emprego permanente” e possuem os equipamentos necessários, prestando “serviços sucessivos para diversas empresas da indústria da construção”, detalha Moura. Para tornar a atividade mais complexa, o presidente do Sinduscon-GO lembra que as obras de construção são “diferentes entre si para uma mesma empresa” e nem todas “demandam os mesmos serviços especializados, o que reforça a inviabilidade da contratação efetiva dos profissionais especializados para o quadro permanente, ou o investimento em equipamentos de

baixa utilização em uma mesma empresa. Por essas razões, a terceirização para a indústria da construção otimiza os processos produtivos sem os transtornos do desligamento de profissionais que não atenderam à expectativa.”

Dupla proteção

Carlos Alberto de Moura considera que todas as vozes, mesmo as contrárias à terceirização, precisam ser ouvidas e merecem atenção, mas pondera que a lei sancionada no final de março pelo governo representou “tão somente a regulamentação de direito de uma situação já existente de fato”. Segundo ele, “a atual complexidade dos arranjos produtivos e a busca cada vez maior por especialização e produtividade corroboraram para a divisão do trabalho com o advento de novas ferramentas de gestão empresarial, culminando em um fenômeno mundial e irreversível que é a terceirização.”

Sob esse ponto de vista, “não há que se falar em precarização tendo em vista que os mesmos direitos que possui o trabalhador direto, possuirá também o terceirizado. Ambos estarão no mesmo sindicato dos trabalhadores da contra- ▶

tante, o que fragiliza o argumento da precarização defendido pelos sindicatos laborais”. Além do mais, prossegue ele, com a instituição da responsabilidade subsidiária, “o trabalhador terceirizado passou a ser o único com dupla proteção, o que reduz fortemente o problema do não cumprimento dos direitos”. Para ele, a terceirização traz ainda o benefício da especialização. “Quando o profissional se especializa, ele tem maior produtividade e, com isso, maior ganho”, afirma.

ANTES TARDE DO QUE NUNCA

O diretor executivo do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás (Simelgo), Orizomar Araújo, avalia a regulamentação da terceirização em lei própria como “extremamente positiva, ainda que tardia”. Segundo ele, o novo marco traz, “entre outras vantagens, a segurança jurídica, legalizada a situação já praticada de fato”. Entre as indústrias representadas pelo Simelgo, diz ele, “a exemplo das de outros setores”, a terceirização já é adotada historicamente, num sistema de contratação que tende a se consolidar daqui para frente, “sem sombra de dúvida”, incluindo novas empresas e trabalhadores. “Atualmente estimamos que, em torno de 10%, em média, dos empregados no setor são terceirizados.”

Araújo antecipa apenas benefícios após a aprovação da lei, “uma vez que, com a referida norma regulamentadora, tanto contratante quanto contratado ficam resguardados”. Ao avaliar uma das principais medidas previstas na lei, Araújo contesta críticas à terceirização da chamada atividade fim em uma empresa, ponderando que essa definição é bastante subjetiva. “O que é atividade fim para uma empresa nem sempre é para outra”, argumenta. E acrescenta: “Com relação à precarização, achatamento de salários, aumento de acidentes e outros,

Fotos: Alex Malheiros



■ **Orizomar Araújo:** tardia, mas “extremamente positiva”, nova lei deve trazer impactos positivos para a indústria metalmeccânica

não passam de falácias, pois a legislação é boa e, certamente, contemplará ambos os lados positivamente.”

FERRAMENTA PARA REDUZIR CUSTOS

Jair Rizzi, presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis (Siva), analisa igualmente de forma positiva a Lei da Terceirização, como vem sendo chamada a Lei 13.429/17. “Acredito que será uma ferramenta importante para o Brasil, no sentido de reduzir custos e dar mais competitividade às empresas”, diz ele. “Tudo que vem para facilitar a vida do empresário é bem-vindo. Precisamos, cada vez mais, ter um ambiente melhor para o desenvolvimento dos negócios e a terceirização vem ao encontro desse caminho, que já é um caminho percorrido em muitos países”, complementa.

Prática já rotineira no setor de vestuário, especialmente nos segmentos de costura e facções, prossegue Rizzi, a terceirização agrega amplo contingente de



■ **Jair Rizzi não vê prejuízo à qualificação de mão de obra:** cursos do Senai atenderão às novas demandas

pequenas empresas e profissionais autônomos. “Temos muitas atividades dentro do próprio setor em que a terceirização é importante na elaboração das estratégias produtivas, como a parte de lavanderia, bordado, estamparia, tinturaria e vários outros. Muitas vezes, uma empresa não consegue absorver tudo isso.”

Além disso, a possibilidade de contratar empresas especializadas em serviços determinados, adiciona Rizzi, traz ganhos de qualidade e de produtividade e permite que a empresa mantenha foco em sua atividade principal. “Então, nesse sentido, a terceirização vem como um fator positivo de agregação de tecnologia, de fomento à inovação e mesmo de melhoria de nossos recursos humanos”, diz o presidente do Siva, que antecipa o fortalecimento de toda a cadeia produtiva. “A partir do momento em que essa regulamentação acontece, teremos mais segurança e melhores condições de estabelecer contratos com os parceiros das indústrias.”

Rizzi espera que, ao longo do tempo, ocorra aceitação maior da terceirização



mesmo entre sindicatos, e aposta numa flexibilização maior nas relações trabalhistas. “Temos uma legislação hoje que não favorece quem gera emprego e renda. É uma lógica irreal, porque o certo seria o Estado e a legislação serem favoráveis àqueles que investem seu capital e geram não só o emprego e a renda, mas também divisas.” Da mesma forma, ele diz não acreditar que a terceirização possa “trazer algum tipo de prejuízo em relação à formação e qualificação de mão de obra, porque, certamente, as instituições como o Senai, vão saber trabalhar com essa nova realidade, trazer novidades que atendam às demandas nesse novo cenário”. ■

Principais pontos da nova legislação



Atividade fim

Sancionado pela Presidência da República em março, o texto final da Lei da Terceirização manteve os principais pontos aprovados pela Câmara dos Deputados, como a possibilidade de as empresas terceirizarem a chamada atividade fim, aquela para a qual a companhia foi criada. A medida prevê que a contratação terceirizada possa ocorrer sem restrições, inclusive na administração pública. Antes, decisões judiciais vedavam a terceirização da atividade fim e a permitiam apenas para atividade meio, ou seja, aquelas funções que não estão diretamente ligadas ao objetivo principal da empresa.



“Quarteirização”

A empresa de terceirização terá autorização para subcontratar outras empresas para realizar serviços de contratação, remuneração e direção do trabalho, o que é chamado de “quarteirização”.



Condições de trabalho

É facultativo à empresa contratante oferecer ao terceirizado o mesmo atendimento médico e ambulatorial dado aos seus empregados, incluindo acesso ao refeitório. A empresa é obrigada a garantir segurança, higiene e salubridade a todos os terceirizados.



Causas trabalhistas

Em casos de ações trabalhistas, caberá à empresa terceirizada (que contratou o trabalhador) pagar os direitos questionados na Justiça, se houver condenação. Se a terceirizada não tiver dinheiro ou bens para arcar com o pagamento, a empresa contratante (que contratou os serviços terceirizados) será acionada e poderá ter bens penhorados pela Justiça para o pagamento da causa trabalhista.

Fonte: Agência Brasil



■ Na Aciá, em Anápolis, Pedro Alves fala sobre terceirização: impactos positivos

Para o País voltar aos trilhos

Indústria aposta fichas na lei da terceirização e na aprovação da reforma trabalhista pela Câmara dos Deputados para o País sair da crise e recuperar competitividade no mercado global. Diante do “tsunami” na política, CNI e Fieg reiteram confiança e otimismo para “superar mais esse momento desafiador”

Redação
Fotos: Alex Malheiros

A aprovação da reforma trabalhista pela Câmara dos Deputados e a nova lei da terceirização criam grande expectativa na indústria e em todo o setor produtivo, diante da grave crise econômico-financeira e do atual quadro das relações do trabalho no Brasil, sobretudo em relação à competitividade, em que o País ocupa a pior posição em 20 anos no ranking global, com perda acumulada de 33 posições desde 2012. Atualmente, é o 81º colocado entre 138 países, resultado agravado pela queda de inovação nas empresas.

Em estudo da Confederação Nacional da Indústria

(CNI) que compara 18 países com os quais compete, o Brasil fica em penúltimo lugar e chega a segurar a lanterna quando se trata de regras trabalhistas para contratação e demissão (*veja quadro*), herança de leis criadas há mais de sete décadas e que não atendem mais às necessidades do mundo contemporâneo. O reflexo é imediato no campo da Justiça do Trabalho, onde tramitavam, em 2015, nada menos do que 9,1 milhões de processos, dos quais 45,1% de casos novos e 54,9% pendentes de anos anteriores. Isso equivale a um processo trabalhista para cada cinco trabalhadores com carteira assinada.

“Um importante passo foi dado no Brasil com a aprovação da reforma trabalhista pelo plenário da Câmara dos Deputados”, salientou o presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), Pedro Alves de Oliveira, ao comentar a conclusão da votação da proposta do governo pelos parlamentares, dia 26 de abril, com placar de 296 votos a favor (eram necessários pelo menos 257) e 177 contrários.

Entre outros pontos, a reforma estabelece regras para que acordos entre empresários e representantes dos trabalhadores passem a ter força de lei, o chamado “negociado sobre o legislado”. Esse é o principal mérito destacado pelo presidente da CNI, Robson Braga de Andrade. “A valorização da negociação permite que empresas e trabalhadores possam, em comum acordo, estabelecer condições de trabalho específicas por um determinado tempo e em certas circunstâncias, atendendo aos legítimos interesses de ambas as partes”, disse. Isso – acrescentou – traz mais dinamismo às relações trabalhistas, “medida fundamental para o Brasil sair da pior recessão de sua história, ter mais competitividade no mercado global, deixar no passado o vergonhoso recorde de desemprego e voltar a criar postos de trabalho.”

A modernização das relações de trabalho “é imprescindível para que nosso País volte aos trilhos do crescimento – retoma Pedro Alves –, gerando mais emprego e renda e, principalmente, trazendo à formalização os milhões de trabalhadores que hoje atuam sem ter resguardados seus direitos legais. A aprovação da reforma democratiza o acesso desses profissionais ao mercado de trabalho e amplia as oportunidades para que mais empregos sejam criados e novos investimentos sejam aportados no setor produtivo, refletindo-se especialmente na recuperação de milhões de postos de trabalho perdidos com a crise econômica em que mergulhamos.”

FLEXIBILIDADE NO TRABALHO, ESTÍMULO À COMPETITIVIDADE

Oito em cada dez brasileiros desejam trabalhar em casa ou em locais alternativos à empresa quando preciso, segundo mostra a pesquisa Retratos da Sociedade Brasileira: Flexibilidade no Mercado de Trabalho, da CNI/Ibope. Com índice mais alto dentre as rotinas de trabalho que os entrevistados gostariam de negociar com a empresa, o chamado home office foi citado pela gerente de Relações do Trabalho da Confederação Nacional da Indústria

(CNI), Sylvia Lorena Teixeira de Souza, em palestra durante encontro de sindicatos patronais da indústria, realizado pela Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), em Aruanã, de 6 a 9 de abril.

Ela observou que as relações do trabalho constituem um dos pilares da competitividade no ambiente de negócios, em que a valorização da negociação coletiva e a regulamentação da terceirização são caminhos rumo à modernização das leis trabalhistas. “A modernização e a desburocratização das relações do trabalho são fundamentais para o estímulo à competitividade das empresas, para o aumento da produtividade e o crescimento, com geração de empregos”, disse.

Além do desejo de trabalhar em casa, que cresceu entre 2015 e 2016, segundo



“A modernização e a desburocratização das relações do trabalho são fundamentais para o estímulo à competitividade das empresas”

SYLVIA LORENA TEIXEIRA, gerente de Relações do Trabalho da CNI, em palestra em Aruanã

Posição competitiva dos 18 países selecionados



a pesquisa CNI/Ibope, outros também expressivos 73% dos trabalhadores querem ter mais flexibilidade na jornada de trabalho, adequando horários de entrada, de almoço e de saída. Outros itens da pesquisa indicam vontade de o trabalhador negociar com a empresa opções para suas rotinas de trabalho, mesmo que isso signifique igualmente flexibilizar regras trabalhistas.

A rigor, em todas as rotinas pesquisadas aumentou o percentual dos que desejam liberdade para negociar (veja quadro): 64% gostariam de reduzir o intervalo de almoço para, em contrapartida, sair mais cedo do trabalho evitar o horário de pico de trânsito. Dividir as férias é sonho de consumo de 60%, contra 53% registrados na pesquisa anterior.

MUDANÇAS MOBILIZAM EMPRESÁRIOS

Pauta constante da indústria, a reforma trabalhista, assim como a terceirização, recentemente sancionada pelo presidente Michel Temer, mobiliza empresários em diversos eventos realizados pela Fieg, antes e depois de sua aprovação na Câmara dos Deputados. Em março, a Casa da Indústria sediou debate, promovido pelo Grupo de Líderes Empresariais (Lide Goiás), com participação dos deputados federais Daniel Vilela, presidente da Comissão Especial do Projeto de Lei 6787/16, e Rogério Marinho, relator da proposta de modernização das leis de trabalho, que receberam documento com sugestões do setor produtivo goiano.

Posteriormente, em abril, foi a vez de a terceirização entrar na pauta de reunião da Associação Comercial e Industrial de Anápolis (Acia), em que o presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, abordou impactos positivos e traçou cenário para o setor produtivo em 2017, citando a retomada lenta e gradual do emprego na indústria, a elevação do nível de confiança do empresariado na economia, a retomada



Em encontro na Casa da Indústria, Pedro Alves entrega a Daniel Vilela documento com sugestões para reforma trabalhista, ao lado de Rogério Marinho e André Rocha

FLEXIBILIDADE EM ALTA NO MERCADO DE TRABALHO

ROTINAS	2015	2016
Horário de trabalho <i>Poder escolher horário de chegar e sair do trabalho</i>	71%	73%
Local de trabalho <i>Trabalhar de casa ou em locais alternativos quando preciso</i>	73%	81%
Intervalo/Sair mais cedo <i>Redução do horário de almoço para sair mais cedo do trabalho</i>	58%	64%
Fracionamento de férias <i>Poder dividir os 30 dias de férias em mais vezes</i>	53%	60%
Horas e folgas <i>Trabalhar mais horas por dia em troca de folgas</i>	63%	67%

FONTE: Retratos da Sociedade Brasileira: Flexibilidade no Mercado de Trabalho 2016 (CNI/Ibope)

da taxa de investimentos e a expectativa em relação às reformas previdenciária, tributária e trabalhista.

Diante da polêmica causada no País pela aprovação da reforma trabalhista na Câmara dos Deputados, Pedro Alves enfatizou que “não há perdedores nesse processo de mudanças; pelo contrário, é nosso país que ganha. É chegada a hora de empregadores e empregados andarem lado a lado como parceiros, e não como antagonistas, na busca por um melhor ambiente econômico que favoreça a retomada do

crescimento do Brasil. A nova legislação traz mais segurança jurídica na relação capital-trabalho e favorece a criação de mais postos de trabalho.”

As relações de trabalho foram também abordadas na palestra A Nova Lei da Terceirização – Como Ficou, Empresário?, dia 16 de maio, na Casa da Indústria. O especialista e diretor geral da Escola Superior de Advocacia da OAB Goiás, Rafael Lara Martins, esclareceu aspectos da nova legislação e seus reflexos nas empresas.

Enfrentar crise e avançar nas reformas trabalhista, tributária e previdenciária, defende CNI

Em nota, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) afirma que “mais do que nunca, devemos manter a confiança e o otimismo para construir, juntos, o país que sonhamos para nossos filhos. O Brasil já venceu outras crises sérias. Vamos

superar mais esse momento desafiador. Temos de continuar avançando”, diz a nota (*veja íntegra*) assinada pela CNI e federações de indústrias dos Estados

“O Brasil, mais uma vez, encontra-se mergulhado num cenário de temores e incertezas. Neste momento preocupante da história brasileira, seria compreensível entregar-se ao desalento, mas não podemos desanimar nem sucumbir ao derrotismo.

Parar de lutar por um Brasil melhor significaria aceitar passivamente o fracasso e desistir do nosso futuro. Não podemos deixar o País retroceder. Precisamos continuar trabalhando para reverter esse panorama negativo e buscar as soluções para superar essa gravíssima crise.

A turbulência política não pode anular os avanços conquistados nos últimos meses nem frear o andamento das reformas estruturais.

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) e as Federações das Indústrias dos Estados entendem que, somente com a continuidade das reformas, o Brasil sairá da recessão e voltará a crescer.

As reformas trabalhista, previdenciária e tributária são essenciais para recolocar a nação no rumo certo e gerar postos de trabalho e renda para os 14 milhões de brasileiros que sofrem o flagelo do desemprego.

A indústria confia que as instituições e a sociedade encontrarão as soluções para superar essas novas adversidades. O País precisa enfrentar a atual crise política com serenidade e espírito público.

Mais do que nunca, devemos manter a confiança e o otimismo para construir, juntos, o país que sonhamos para nossos filhos. O Brasil já venceu outras crises sérias. Vamos superar mais esse momento desafiador. Temos de continuar avançando.”

(Da Agência CNI de Notícias)



Jefferson Rudy / Agência Senado



Shutterstock

O caminho da normalização

Construtoras e fabricantes de materiais discutem profissionalização com foco na norma 15.575, no 1º Encontro da Cadeia da Construção em Goiás

Valdevane Rosa (Sinduscon-GO)

Qualidade, profissionalização, inovação tecnológica, união e valorização do mercado produtor de insumos em Goiás compuseram a tônica do 1º Encontro da Cadeia da Construção, realizado pela Câmara da Indústria da Construção (CIC) da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), dia 9 de maio, na Casa da Indústria. O evento reuniu construtoras, incorporadoras e fabricantes de materiais para discutir a qualidade nas edificações e gerar oportunidades de negócios. A CIC conta com participação ativa de 15 sindicatos representativos de setores industriais integrantes da cadeia produtiva.

O presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, enfatizou que a união das entidades fortalece a cadeia e contribuirá para a melhoria dos produtos e serviços, por meio do avanço tecnológico, que ele considera fundamen-

tal para a sobrevivência das empresas no cenário atual. A estratégia foi defendida também pelo presidente da câmara, engenheiro Sarkis Nabi Curi, ao destacar que, diante dos novos desafios mercadológicos e do advento da Norma de Desempenho de Edificações NBR 15.575, “os construtores concluíram que sozinhos não podem fazer tanto”.

O objetivo do Programa de Qualificação de Fornecedores desenvolvido pela CIC – acrescentou Sarkis – é que todas as empresas produtoras de materiais de construção em Goiás atendam às normas técnicas da ABNT. A meta é que, em até dois anos, a cadeia produtiva da indústria da construção goiana tenha 80% de seus produtos adequados às normas técnicas, atingindo gradativamente a totalidade, tanto em obras públicas quanto privadas.

O Sistema Federação das Indústrias, por meio do Sesi,



■ Mesa-redonda reúne líderes da cadeia da construção: desafios em discussão

Alex Mathias

Senai, IEL e Instituto de Certificação Qualidade Brasil (ICQ Brasil), desenvolve um diagnóstico de vulnerabilidades para os diversos segmentos industriais, destinado a elucidar as áreas em que é preciso avançar. Cada sindicato está sendo consultado para verificação da necessidade específica por segmento, após o que é elaborado um programa de qualificação direcionado àquela área industrial. No fim do processo, cada produto qualificado pelo programa estará apto a receber a certificação do ICQ Brasil.

INFORMALIDADE É DESAFIO

Um dos principais desafios citados pelo presidente da CIC é combater a informalidade. Segundo ele, o espaço está aberto para receber empresas de qualquer porte, que estejam dispostas a se profissionalizar e produzir pelo caminho de normalização técnica. As pequenas e micro empresas contarão com apoio do Sebrae-GO que, por meio de parceria firmada com a CIC/Fieg, oferecerá contrapartida financeira aportando até 70% do custo do desenvolvimento de consultorias. Diretor superintendente do Sebrae-GO, Igor Montenegro apontou, no processo, os caminhos da inovação, envolvendo melhoria da qualidade dos processos, produtos e serviços, certificações, sustentabilidade, design, entre outros; e da melhoria da gestão.

Durante o encontro, mesa-redonda discutiu a Norma de Desempenho NBR 15.575, os requisitos normativos e dos clientes, bem como o cenário atual do mercado, seus desafios e o papel das empresas e instituições na adequação de seus produtos e serviços. Participaram os presidentes da CIC, Sarkis Nabi Curi, do Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás (Sinduscon-GO), Carlos Alberto Moura, da Associação das Empresas do Mercado Imobiliário no Estado de Goiás (Ademi-GO), Renato Correia, do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia de Goiás (Crea-GO), Francisco Almeida, do Sindicato das Indústrias de Rochas Ornamentais (Simagran-GO), Eliton Rodrigues, o vice-presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI) Paulo Afonso Ferreira e o representante da Caixa Econômica Federal, Flávio Valente.

Para o presidente do Sinduscon-GO, Carlos Alberto Moura, a cadeia da construção precisa mudar o conceito de compra de insumos pelo menor preço, passando a optar por qualidade que atenda aos requisitos especificados em projeto. Ele acredita que o programa desenvolvido pela CIC contribuirá com essa mudança, por meio da qualificação técnica dos insumos. O vice-presidente da CNI Paulo Afonso Ferreira enfatizou a importância do ciclo de aprimoramento permanente para as

empresas que, assim, poderão manter o padrão de qualidade exigido pelo mercado.

PORTAL E PLATAFORMA BIM

Dentro da visão de valorização da cadeia produtiva local, foi lançado o portal Cadeia da Construção (www.cadeiadaconstrucao.com), criado para dar visibilidade às empresas, além de disponibilizar conteúdo informativo relacionado ao setor e gerar oportunidades de negócios. O portal conta com um amplo classificados, que funciona como um shopping virtual, onde os interessados poderão consultar nome, localização, contatos e demais informações sobre as empresas fabricantes de materiais em Goiás, que assumiram o compromisso da qualificação técnica.

Consultor nas áreas de engenharia, arquitetura e compatibilização, Kildere Whikichan e o diretor do Sinduscon Jovem, Romeu da Silva Neto, apresentaram o Grupo de Trabalho constituído pela CIC para promover a qualificação para o uso da plataforma BIM – Modelagem de Informações da Construção, sistema inovador integrado que permite o planejamento e gestão de todos os processos relativos a obras e empreendimentos, incentivando o desenvolvimento da cultura do planejamento e promovendo a compatibilização de projetos. ■

Oportunidades internacionais

Sob orientação e comando da Fieg e do CIN, empresas goianas dos setores moveleiro e de cosméticos participam de missões para internacionalizar seus negócios

Num ano em que as exportações têm funcionado como espécie de válvula de escape para a economia, contribuindo para aliviar o peso da crise, a Fieg, por meio de seu Centro Internacional de Negócios (CIN), tem redobrado esforços para promover a participação de empresas goianas no mercado internacional. Apenas ao longo de abril foram organizadas duas missões internacionais a feiras mundialmente relevantes para as indústrias dos setores de móveis e cosméticos.

Entre os dias 2 e 9 daquele mês, uma comitiva de empresários goianos participou da 56ª edição do Salão Internacional do Móvel de Milão, evento que é referência mundial no setor. Durante uma semana, a missão comercial, organizada pelo CIN/Fieg, promoveu o intercâmbio entre o empresariado goiano e italiano, com troca de experiências em tecnologia, inovações, design, iluminação e projetos. “Foi extremamente positiva a missão, tanto no aspecto de conhecimento quanto para estreitar o relacionamento comercial e iniciar possíveis novos negócios”, avalia o presidente do Sindicato das Indústrias de Móveis e Artefatos de Madeira no Estado de Goiás (Sindmóveis), Enoque Pimentel.

Na sequência, entre os dias 22 e 24, uma segunda missão participou da feira Expocosmética, na cidade do Porto, em Portugal. A atividade reuniu parceria entre Fieg, CIN, Sindicato das Indústrias Químicas no Estado de Goiás (Sindquímica), presidido pelo empresário Jaime Canedo, Conselho Temático de Comércio Exterior (Ctcomex), sob comando de Emílio Bittar,

governo do Estado e Sebrae Goiás. No total, participaram 14 empresas, das quais 9 goianas, 3 da Bahia e 2 de São Paulo.

Maior evento ibérico do segmento de cosmética, estética, unhas e cabelo, a feira é realizada há duas décadas. O estande brasileiro recebeu visitas de empresários portugueses e também de brasileiros radicados naquele país, com interesse em representar produtos brasileiros no mercado europeu. Numa avaliação ainda preliminar, os contatos desenvolvidos ao longo de encontros paralelos sugerem perspectivas promissoras para futuros negócios, permitindo aprofundar negociações que, em alguns casos, já se encontram em estágio avançado. Além dos encontros de negócios realizados, os empresários

puderam realizar benchmarking de seus produtos com os concorrentes e também identificar possíveis mercados potenciais para seus produtos. ■



Alex Malheiros

■ **Enoque Pimentel:** “A missão ao Salão de Milão foi extremamente positiva, tanto no aspecto de conhecimento quanto para estreitar o relacionamento comercial e iniciar possíveis novos negócios”

■ **Reunião de negócios:** em Portugal, grupos de empresários goianos e estrangeiros trocam informações sobre mercados e produtos





■ **Luiz Fernando Gomes, Paulo Henrique Lopes, Raíssa Misleni Souza, Diogo de Vasconcelos e Gabriel Araújo, alunos de aprendizagem industrial na Escola Senai Canaã: sonho de fazer faculdade com profissão garantida**

Cristiano Borges

Qualificação X desemprego

Enquanto o desemprego não para de crescer, na esteira da crise econômica, não faltam oportunidades de trabalho para quem aposta na formação profissional

Andelaide Lima

Fotos: Cristiano Borges e Alex Malheiros

Com legião de 14,2 milhões de desempregados, o Brasil fechou o primeiro trimestre do ano com recorde histórico da taxa dos “sem-trabalho”, um salto de 27,8% na comparação com o mesmo período de 2016, segundo dados do IBGE. Se os números são preocupantes, na contramão dessa realidade desoladora, a qualificação profissional representa, se não a luz no fim do túnel, fator capaz de significar uma saída eficiente para o País diminuir as estatísticas do desemprego.

Em tempos de estagnação econômica, vale tudo para assegurar mão de obra especializada, de acordo com as reais necessidades do mercado de trabalho. Parceiro das ►



■ **SOLENIIDADE E DESCONTRAÇÃO:** a pequena Sofia Machado, de 3 anos, chamou atenção em formatura de 117 alunos da Faculdade Senai Ítalo Bologna, ao fotografar o tio Lucas Aguiar, um dos formandos

indústrias nesse campo, o Senai Goiás tem recorrido a diversos meios para atender à demanda, mesmo que em meio à crise, com soluções customizadas e flexíveis. Ao aliar teoria à prática profissional, os cursos desenvolvidos pela instituição alcançam índices ao redor de 80% de empregabilidade no mercado de trabalho.

Esse desempenho foi alvo, em abril, de reportagem seguida de editorial do jornal *O Popular* (*fac-símile*) sobre aprendizagem industrial – modalidade de ensino destinada à preparação para o primeiro emprego de jovens de 14 a 24 anos.

Estratégia exitosa, parcerias com a iniciativa privada e o setor público têm sido dinamizadas para ampliar as ações de qualificação profissional em todo o Estado. No ano passado, o Senai atuou em 149 dos 246 municípios goianos, o que equivale a mais de 65% do total, além de 36 outras



■ **Reportagem e editorial do jornal *O Popular* destacam potencial de empregabilidade de cursos do Senai**





■ **Formatura de curso técnico em eletromecânica em Morrinhos, realizado em ação móvel do Senai Itumbiara, em parceria com a prefeitura e as empresas Usina CEM, Dez Alimentos, Conservas Olé e Complem**

idades fora de Goiás, levando serviços a quase 3 mil empresas. A abrangência das atividades é viabilizada pela grande capilaridade de sua rede de unidades fixas e núcleos, estrategicamente distribuídos nos principais polos industriais, como Goiânia, Aparecida de Goiânia, Anápolis, Rio Verde, Catalão e Itumbiara, além do suporte das unidades móveis.

Também potencializam o atendimento às indústrias os cursos realizados via educação a distância (EaD). Em 2016, a modalidade de ensino foi responsável por mais da metade das quase 143 mil matrículas registradas pela instituição em diversos níveis – da educação para o trabalho à graduação tecnológica –, com ênfase na abertura de novas turmas de cursos técnicos nas áreas de meio ambiente, manutenção automotiva e eletromecânica.

SINAIS DE RECUPERAÇÃO, MAIOR DEMANDA

O processo de educação profissional igualmente atende à demanda por técnicos nas indústrias, que tende a aumentar conforme o País consolida os sinais de recuperação econômica. Em Goiás, as expectativas de retomada do crescimento da economia são cada vez maiores, como indicam os números de geração de emprego no Estado, que registrou, em março, saldo positivo pelo terceiro mês consecutivo, segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), com destaque para indústria de transformação, construção civil, agropecuária e serviços.

Apesar das oscilações do mercado, o Senai tem o desafio de preparar, entre 2017 e 2020, mais de 367 mil trabalhadores em ocupações industriais nos níveis técnico, superior e de qualificação, para atender às

necessidades de mão de obra capacitada em Goiás, segundo demanda apontada pelo Mapa do Trabalho Industrial – estudo de âmbito nacional elaborado para subsidiar o planejamento da oferta de formação profissional da instituição.

A pesquisa aponta como áreas de maior procura por formação profissional no Estado construção civil, meio ambiente e produção, alimentos, metalmeccânica, vestuário e calçados, veículos, energia, tecnologias da informação e comunicação, petroquímica e química, madeira e móveis, papel e gráfica, mineração e pesquisa, desenvolvimento e design.

Diante das perspectivas de melhora da economia, o Senai busca manter o ritmo de produção e a meta é atingir, este ano, em torno de 139 mil matrículas, praticamente o mesmo número de 2016. Até março, já haviam sido registradas mais de 46 mil ma- ▶

trículas. Em ações focadas no mercado de trabalho, a instituição desenvolve soluções customizadas para atender às empresas.

Em uma dessas iniciativas, a Faculdade Senai Ítalo Bologna, em Goiânia, realizou, em março deste ano, formatura conjunta de 117 concluintes nos cursos técnicos em eletrotécnica, mecânica e mecatrônica, com 90% dos concluintes já colocados no mercado de trabalho. Eles atuam em indústrias como Heinz Alimentos, Jaepel, Cargil, Unilever, Laticínios Bela Vista, Super Frango, Celg, Metal Gráfica Iguaçú, além da Universidade Federal de Goiás (UFG). As turmas são integradas ainda por pessoas da comunidade, que conseguiram emprego durante o curso.

GARANTIA DE EMPREGABILIDADE

Parainfo das turmas de formandos da Faculdade Senai Ítalo Bologna, o presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, ressaltou a importância da formação profissional. “Esses novos técnicos sabem perfeitamente que a habilitação aqui recebida garante sua empregabilidade. Não por acaso escolheram o Senai para sua capacitação, mas certamente sabedores de que em torno de 80% dos egressos da instituição conseguem ingressar no concorrido mercado de trabalho antes mesmo de concluída a qualificação”, disse.

Para o orador das turmas, Johwanny Cavalcante, concluinte do curso técnico em eletrotécnica, a formação profissio-

nal é uma oportunidade de crescimento. “Aprendi muito durante o curso, conhecimento que vou levar comigo para onde for. Descobri que só a educação é capaz de mudar o mundo, de transformar vidas. Estou muito feliz por ter escolhido uma profissão”, comemorou

ATUAÇÃO DE ABRANGÊNCIA REGIONAL

Em estratégia semelhante e por meio de ação móvel, a Escola Senai Itumbiara, no Sul do Estado, qualificou 44 funcionários da Usina Goiasa, de Bom Jesus de Goiás, em cursos técnicos concluídos este ano nas áreas de eletromecânica e mecânica, ministrados na cidade vizinha. Na mesma

■ **Johwanny Cavalcante, concluinte do curso técnico em eletrotécnica da Faculdade Senai Ítalo Bologna:** a formação profissional é uma oportunidade de crescimento



região, em Morrinhos, o Senai Itumbiara formou outros 35 profissionais no curso técnico em eletromecânica. A iniciativa foi desenvolvida em parceria com a pre-

feitura do município e as empresas Usina CEM, Dez Alimentos, Conservas Olé e a Cooperativa Mista dos Produtores de Leite de Morrinhos (Complem).



■ **Aledir Eulália de Mendonça Silva, gerente de RH da Complem, entrega certificado a Marcos Caldera Brazão Filho, técnico em eletromecânica, ao lado do diretor do Senai Itumbiara, Claiton Cândido, do gerente de Manutenção da Dez Alimentos, Jean Clayton Rocha da Luz, e do professor Miquéias Silva Prata**



■ **José Paulo de Oliveira, técnico em mecânica, recebe certificado dos gestores da Usina Goiasa Elessandro Aparecido Rodrigues Zuquetti, Marilúcio Araújo Melo e Daniel Leandro Cardoso, Cláudio Tiveron Opipari e Juliano Marcelino Ribeiro (Senai Itumbiara)**

CURSOS DE GOIÁS ENTRE OS MELHORES DO PAÍS

O elevado índice de empregabilidade dos egressos do Senai Goiás é reflexo da qualidade dos cursos, resultante da busca de melhoria contínua. O bom desempenho evidencia-se nos resultados apurados no Sistema de Avaliação da Educação Profissional (Saep), de âmbito nacional, com destaque para o curso técnico em mineração oferecido pela Unidade Integrada Sesi Senai Sama, em Minaçu, que aparece em primeiro lugar no País, entre os cursos de 11 regionais avaliados.

A habilitação obteve 584,9 pontos, em uma escala de até 650 pontos. Entre os alunos participantes do curso, 95,3% foram classificados nos níveis “adequado” e “avançado”. A metodologia considera três dimensões: avaliação dos cursos, com foco em processos; desempenho dos estudantes e pesquisa de egressos, que verifica a empregabilidade dos ex-alunos do Senai. Na edição 2016 da pesquisa, foram avaliados 40 cursos técnicos, dos quais 16 de Goiás.

O Curso Técnico em Alimentos, da Escola Senai Vila Canaã, de Goiânia, obteve o 6º lugar nacional, dentre 19 oferecidos por escolas no País, com 536,3 pontos e 91,7% dos participantes classificados nos níveis “adequado” e “avançado”. Já o curso Técnico em Automação, da Escola Senai Catalão, somou a maior pontuação (587,9) entre as unidades do Regional de Goiás.

O mesmo desempenho tiveram os participantes dos cursos técnicos em Eletromecânica, do Senai Catalão; Eletromecânica, da Faculdade de Tecnologia Senai Ítalo Bologna; e Eletrotécnica, da Unidade Integrada Sesi Senai Sama – este com maior evolução na pontuação no Estado, seguido do curso técnico em Eletromecânica da Escola Senai Dr. Celso Charuri, de Aparecida de Goiânia. ■

Jovens aprendizes, aposta contra crise

■ “Com a capacitação na área administrativa tudo ficou mais fácil e claro.”
Maria Luísa Silva, jovem aprendiz



Na contramão do desemprego, empresas e aprendizes crescem juntos e têm em programa do IEL apoio e capacitações para desenvolvimento humano, organizacional e profissional

Célia Oliveira

Fotos Alex Malheiros e Sílvio Simões

Em plena crise que pulveriza empregos País a fora, a opção por jovens e adolescentes na condição de aprendizes tem ajudado empresas e candidatos ao primeiro emprego ao proporcionar, ao mesmo tempo, vantagens para ambos os lados: bons resultados para as organizações e altos índices de inserção no mercado de trabalho.

Na CCA Motos, em Anápolis, a média de efetivação chega a 70%, segundo a gestora de Recursos Humanos, Samanta Pires. “Sempre optamos pelo aprendiz para no futuro dar novas oportunidades. O bom do aprendiz é que, com ele dividimos as funções do trabalho e o maior ganho para ele é entender a dinâmica do dia a dia empresarial”, afirma.

A efetiva contribuição dos jovens aprendizes para

o crescimento das empresas é comprovada por 76% dos clientes do Programa Jovem Aprendiz Senai-IEL, segundo pesquisa feita pelo Instituto Euvaldo Lodi (IEL) no fim do ano passado (*veja quadro*).

Atendida pelo programa, no âmbito de parceria firmada recentemente, a CCA Motos investe em jovens e adolescentes, em seus 26 anos de mercado, não apenas pela necessidade de cumprir a legislação mas também por considerar que o programa gera mais eficiência no dia a dia do trabalho.

DIVERSIDADE BENÉFICA

A multiplicidade de atividades e de pessoas na concessionária são fatores interessantes que levaram Maria Luísa Silva, aprendiz na recepção da oficina da CCA Motos, a participar do programa. Com 17 anos e já cursando faculdade de Farmácia, a jovem reconhece o quanto cresceu. “Aprendi a ter disciplina, desenvolvi minha comunicação e sei lidar melhor com as pessoas.”

Para Maria Luísa, os grandes diferenciais para seu desenvolvimento foram as capacitações do Instituto Euvaldo Lodi (IEL Goiás), com o que concorda a gestora Samanta Pires, destacando o acompanhamento dos jovens

e as capacitações que repassam a eles boa base de conhecimentos indutora à prática correta.

NOVAS PERSPECTIVAS

Do trabalho braçal sem perspectivas na limpeza de lotes à aprendizagem no almoxarifado da Mundialtractor, em Goiânia, a vida de Paulo Vítor da Silva, de 17 anos, mudou radicalmente. “Quando



■ **“A presença do IEL nos auxilia a solucionar eventuais dificuldades; por isso, não nos arrependemos de ter mudado de organização para gerir o programa.”**

Samanta Pires, gestora de Recursos Humanos/CCA Motos

eu capinava lotes não aprendia nada. Depois que vim para a Mundialtractor, tudo mudou”, conta emocionado. Na empresa, ele conseguiu organizar o controle de chegada e saída de peças, mudou o método de guardar os objetos no almoxarifado e passou a fazer a conferências das peças e ferramentas antes de guarda-las, o que passou a ser colocado em prática por todos, segundo o gerente geral, Ailton Machado.



■ **“O IEL é parceiro das empresas. Vemos isso todos os dias. Temos um contato maravilhoso e esclarecedor.”**
Ailton Machado, gerente geral da Mundialtractor

Para o jovem, que também interage com a equipe de vendas da empresa, a aprendizagem é uma porta de entrada para o mundo do trabalho. Para o futuro, ele vive a expectativa de ser contratado e também sonha se tornar advogado.

A dedicação e assiduidade de Paulo Vítor são valorizadas pelo gerente geral Ailton Machado, ao destacar suas contribuições à empresa, que há mais de um ano trabalha com jovens aprendizes. “Ele agora faz um trabalho coletivo com a equipe e isso foi notório para nós”, reconhece.

“Quando optamos, tínhamos em mente que essa troca de informações e conhecimentos seria grande para os dois lados”, comenta Machado, acrescentando que a empresa oferece também oportunidade de carreira.

Na busca por mais conhecimento sobre a legislação, a empresa encontrou no IEL o apoio e o suporte para dar aos aprendizes mais educação e formação. De acordo com Machado, o atendimento do IEL ajudou com a quebra de resistência que a empresa tinha com o assunto, mesmo sendo compulsório.

Qualidade do atendimento IEL é atestada em pesquisa

Pesquisa realizada pelo Instituto Euvaldo Lodi (IEL Goiás) no final do ano passado, com clientes que adquiriram o Programa Jovem Aprendiz Senai-IEL, mostra alto índice de satisfação das empresas com a qualidade do serviço prestado às organizações do Estado.

- **83%** informaram que o programa contribui para empresa
- **76%** reconheceram a contribuição do jovem para a organização
- **85%** disseram que a vaga foi preenchida em tempo hábil
- **97%** tiveram expectativas atendidas com o atendimento do IEL
- **9,6** é a média atribuída à credibilidade do atendimento do instituto



■ **“O IEL é nota 10! Tem qualidade e nos acompanha.”**
Paulo Vítor da Silva, aprendiz



■ **DIA DE BECA:** turma de concluintes do ensino médio vivem momento solene na entrega de certificados na Consciente Construtora

Resgate da escolaridade na indústria

Há cinco anos, concluir o ensino médio, pensar em um curso superior e na evolução da carreira eram perspectivas bem distantes na vida do carpinteiro Adilton Ramos do Bonfim, de 42 anos. No entanto, tudo mudou para o ex-trabalhador rural de Ituberá (BA), que pôde agora retomar os estudos, interrompidos por quase duas décadas.

Ele abriu seus horizontes ao ingressar no Programa Educação para Jovens e Adultos (EJA) oferecido pela empresa em que trabalha, a Consciente Construtora e Incorporadora, em parceria com o Serviço Social da Indústria (Sesi). Adilton e outros 16 colegas de sala de aula montada no próprio canteiro de obras concluíram os estudos em março, depois de três anos de dedicação, e são

Trabalhadores retomam estudos em salas de aulas montadas em canteiros de obras, em projetos desenvolvidos por construtoras em parceria com o Sesi. Cresce número de operários com diploma de ensino médio

prova prática dos benefícios de se investir em educação, no âmbito de ações de responsabilidade social empresarial.

A formatura do projeto Ensino Consciente, na garagem de um prédio em construção em Goiânia, reuniu ao todo 26 alunos de duas turmas, uma do 3º ano do ensino médio e outra do 9º ano do ensino fundamental. A solenidade foi destaque em nível nacional, mostrada em reportagem do *Bom Dia, Brasil*, da TV Globo. É a quarta formatura do projeto e a primeira de nível médio.

Vivendo há 20 anos em Goiânia, Adilton diz que deu um passo importante rumo ao seu objetivo de mudar de vida e agora sonha ser mestre de obras. “Parei os estudos na 6ª série. Era preciso trabalhar para ajudar a família. Com ajuda da Consciente Construtora, felizmente deu certo.”



■ **Adilton Ramos do Bonfim, carpinteiro da Consciente Construtora:** formatura no ensino médio depois de 20 anos e sonho de tornar-se mestre de obras



■ **Luís Carlos das Neves Nogueira, carpinteiro, com a família, há mais de três décadas sem estudar:** “Mais do que um sonho”



■ **Francisco Gomes Dino, pedreiro:** “A gente aprende. Nunca é tarde”

Ao receber o diploma de ensino médio, o também carpinteiro Luís Carlos das Neves Nogueira, de 45 anos, há 33 sem estudar, não conteve a emoção: “É mais do que um sonho realizado, depois de tantos anos fora da escola, por isso estou chorando”, explicou ele, ao lado da mulher

e dos filhos. “A gente imaginava que esse dia nunca ia chegar pra gente, que não conseguia aprender mais nada, mas não é assim. A gente aprende. Nunca é tarde”, completou o pedreiro Francisco Gomes Dino, colega de formatura.

O projeto de ensino da Consciente,

um investimento de longo prazo, reflete-se em melhoria de indicadores de desempenho da construtora, que aponta resultados como diminuição de gastos, baixa rotatividade de trabalhadores, reduzido número de lesões de trabalho e aumento da autoestima do colaborador.

MAIS OPERÁRIOS COM DIPLOMA

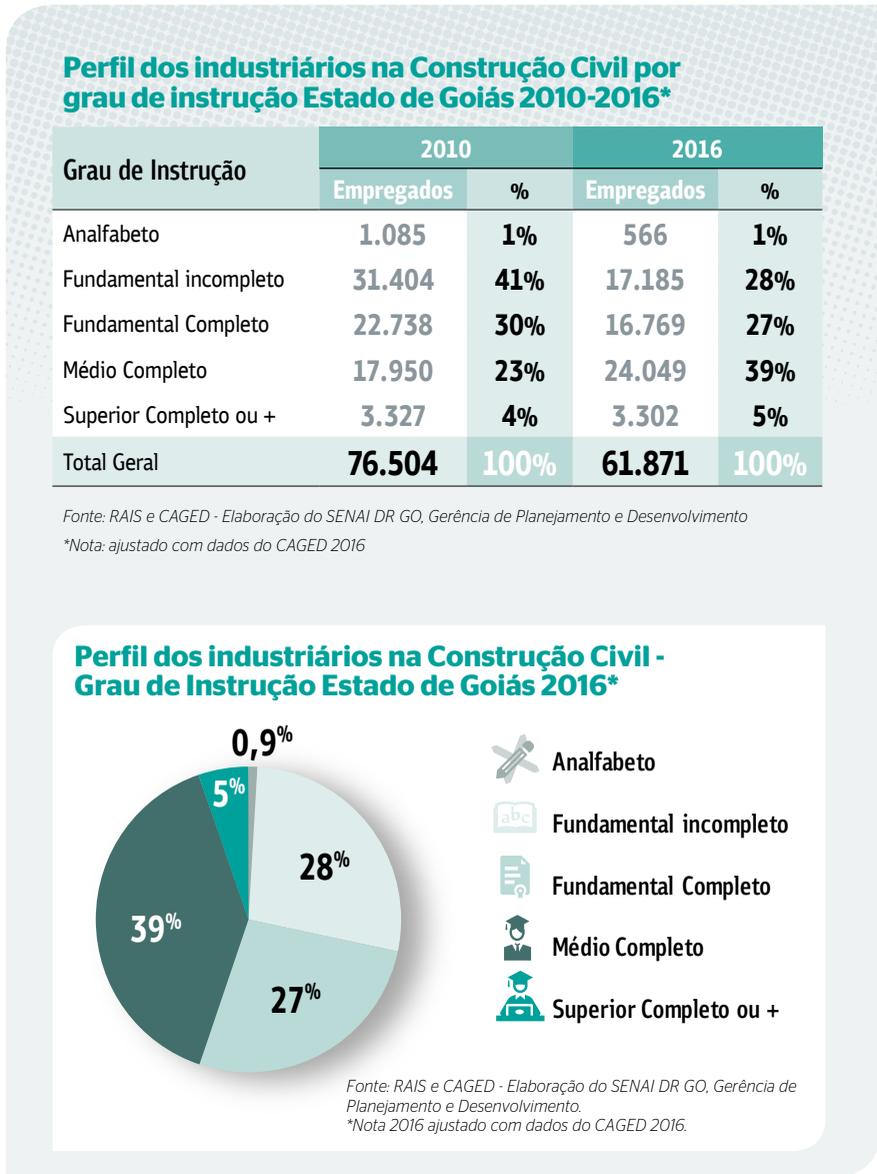
O número de operários com diploma de ensino médio vem crescendo nos últimos anos no Brasil, saltando de 690 mil em 2010 para quase 1 milhão em 2015. Em Goiás, projetos desenvolvidos por empresas como Consciente Construtora, MRV Engenharia e Dinâmica Engenharia estão conseguindo ajudar a reverter a baixa escolaridade, ao viabilizar a instalação de salas de aula em seus próprios canteiros de obras, possibilitando que trabalhadores retomem estudos abandonados há 20, 30 anos. É a volta à escola sem deslocamento do trabalho, logo em seguida a extensas e árduas jornadas. ▶

O perfil dos trabalhadores na construção em Goiás comprova a evolução da escolaridade no segmento. O índice de operários com ensino médio, por exemplo, saiu de 23% em 2010 para 39% em 2016 (veja quadro).

“Ações desse tipo geram vínculos positivos com a sociedade, agregam valor à marca e aproximam as empresas de seus públicos de interesse. Colaboradores, por exemplo, têm sua autoestima aumentada e se fidelizam à companhia, diminuindo, com isso, a rotatividade”, afirma o diretor-presidente da Consciente Construtora e Incorporadora, engenheiro Ilézio Inácio Ferreira. Ele observa que, mesmo durante um período econômico desfavorável, a Consciente não teve muita rotatividade. Dados do Balanço Social da empresa para os anos de 2014 e 2015 mostram que, no período, as únicas dispensas ocorreram em razão da finalização de empreendimentos em 2014.

De acordo com Ilézio, profissionais que passam pela EJA (Educação de Jovens e Adultos) nas obras melhoram seus respectivos desempenhos. “Antigamente, entendia-se que um servente de pedreiro não precisava saber ler para realizar suas atividades. Tudo isso muda quando a proposta é atuar com eficiência. Hoje sabemos que profissionais com mais estudo entendem melhor suas tarefas e, por sua vez, as executam melhor. A consequência disso é uma economia financeira, já que diminuí o número de serviços que precisam ser refeitos e reduz a quantidade de materiais necessários para sua realização. Outro aspecto é que trabalhadores que concluíram seus estudos podem fazer cursos profissionalizantes, melhorar seu desempenho profissional e consequentemente melhorar de vida.”

Trabalhadores com maior escolaridade também faltam menos e sofrem menos acidentes de trabalho. Entre 2014 e 2015, foram perdidos na Consciente



em média apenas 21 dias de trabalho, com absenteísmo (afastamento) de 8,8%. No período, apenas um trabalhador se lesionou. Não houve óbitos. “Além dos outros projetos que temos, como a Academia nas Obras, onde o colaborador pode fazer seu fortalecimento muscular gratuitamente, com auxílio de profissionais do Sesi, tivemos 1.442 horas de treinamento. O conjunto das políticas da empresa vem colaborando para obtenção desses resultados”, frisa Ilézio.

ESCOLARIZAÇÃO E INCLUSÃO DIGITAL

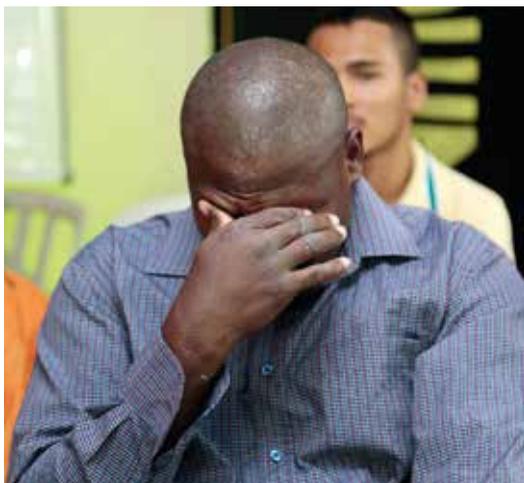
Com experiências de escolas em vários canteiros de obras no País, a MRV Engenharia desenvolveu em Goiânia, no ano passado, dois projetos à escolarização e capacitação de seus trabalhadores, ambos em parceria com o Sesi: o projeto Escola Nota 10 – Sempre é Tempo de

Aprender transformou em sala de aula o canteiro de obras de um condomínio da construtora, na Vila Moraes, região Leste da capital, proporcionando a operários a

Fotos: Alexandre Rodrigues



■ **DIA DE CHORO:** Efraim Bispo Barbosa, de Conceição do Tocantins, 40 anos, se emociona ao receber certificado do curso de informática básica da professora Denise Guimarães



chance retomar os estudos que haviam abandonado no passado.

“Consegui superar meu maior adversário: eu mesmo. Além de concluir o ensino médio, vou fazer faculdade de Engenharia Civil. Quem sabe futuramente não viro concorrente da MRV”, brincou Hebert Pereira da Silva, armador de ferragens da MRV Engenharia, aluno de EJA, que voltou à escola junto com o pai, José Maria Gomes da Silva. “Antes, eu lia com dificuldade. Hoje, sinto que estou mais preparado para tudo”, acrescentou José Maria.

Em outro empreendimento, o Gran Vitória, localizado no bairro Aquarius II, em Goiânia, a MRV concluiu turma de qualificação em informática básica, oferecido gratuitamente a colaboradores da construtora, dentro do projeto Inclusão Digital no Canteiro de Obras. O curso, ministrado em unidade móvel de Educação Continuada do Sesi, atendeu a turma de alunos de Educação de Jovens e Adultos (EJA) desenvolvida na empresa.

Segundo a professora Denise Guimarães, responsável por ensinar os trabalha-

dores da empresa, as aulas de informática são fundamentais para vida profissional e pessoal. “Eles lidam com tecnologias diariamente, por isso precisam aprender manusear computador. Muitos eram praticamente analfabetos tecnológicos e viram que é possível ir além do que eles fazem diariamente. A maioria dos alunos que estiveram comigo nessas 40 horas de curso não possuía nem um endereço de e-mail”, explica. ■

* (Com colaboração de Raquel Pinho - Comunicação Sem Fronteiras)

Artesanato com marca registrada

Senai realiza em Cidade Ocidental atividades de capacitação voltadas especialmente para incrementar a comercialização dos produtos e, conseqüentemente, a geração de renda no município goiano do Entorno do Distrito Federal

Janaina Staciarini e Corrêa (texto e fotos)

Em iniciativa destinada a promover desenvolvimento regional e geração de renda, o Senai Goiás deflagrou em março em Cidade Ocidental, no Entorno do Distrito Federal, uma série de atividades de capacitação voltadas ao segmento de artesanato, importante fonte de renda do município goiano. A ação, viabilizada por meio de parceria com a Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste

(Sudeco) e a prefeitura, será realizada ao longo do ano. Palestras, cursos e oficinas são oferecidos gratuitamente a artesãos que já estão em atividade, além de incluir também outras pessoas interessadas no ramo produtivo. O foco é fomentar o trabalho coletivo, melhorando a produção e, principalmente, ajudando na promoção da comercialização dos produtos.

Apesar do potencial do artesanato de Cidade Ocidental, que figura em 21º lugar em ranking do Programa do Artesanato Goiano, diagnóstico realizado pelo Senai verificou que o setor ainda carece de ações mais sistematizadas de qualificação, organização da produção, diversificação e originalidade das peças, alinhamento do padrão de qualidade, e profissionalização da atividade, passando por fomentar alternativas de comercialização. Ao final do projeto pretende-se que o artesanato regional adquira uma identidade própria.

Segundo Carlos Henrique de Araújo Filho, chefe da Divisão de Planos e Projetos Especiais da Sudeco e participante do Comitê Consultivo criado pelo Senai para o projeto, o município possui grande número de artesãos organizados, porém ainda necessita de auxílio para transformação do artesanato local em atividade capaz de

gerar mais renda, bem como de sua padronização de forma a criar uma identidade exclusiva, valorizando as peças produzidas e facilitando sua comercialização.

Participante de oficina de fibra de bananeira, realizada em maio, Maria Lucy de Andrade percebeu a oportunidade de aliar o que já sabia ao novo conhecimento adquirido. “Eu não imaginava que dava para fazer tanta coisa com a matéria-prima, como bolsa, caminho de mesa, cesta de pão, esteiras. E eu posso misturar com pintura em tecido e crochê, que são coisas que já domino”, afirma.

OPROJETO

No escopo do Projeto de Desenvolvimento Produtivo do Setor de Artesanato de Cidade Ocidental (veja quadro), palestras abordam temas como qualidade, design em artesanato, empreendedorismo, marketing e merchandising. Os cursos têm como foco formação do preço de venda, comportamento profissional, qualidade no atendimento, organização de eventos. Já as oficinas são atividades mais práticas e envolvem a feitura de peças com fibras de bananeira, palha de milho, madeira, couro de peixe, bijoias, entre outros. ■



■ Maria Lucy de Andrade em oficina de fibra de bananeira: oportunidade

Das mãos de Dona Lúcia

Iniciada como empresa familiar, Di Paula Fitness conquista mercado internacional e trabalha agora para, até 2020, dobrar seu faturamento

A história da Di Paula começou a ser escrita em 1997, literalmente pelas mãos da matriarca Maria Lúcia de Paula e Faria, com apoio do marido Hélio Garcia de Paula, fundadores da empresa. Costureira, Dona Lúcia, como é mais conhecida, iniciou o trabalho no segmento de malharia, costurando para defender o pão do dia a dia, atendendo em princípio ao mercado de Brasília com produtos para o público feminino.

Na mesma época, um dos clientes habituais sugeriu que a empresa passasse a trabalhar com modinha para praia, o que levou ao lançamento de uma linha corsário em 1999, confeccionada na primeira indústria da empresa, instalada numa área de 500 metros quadrados na Cidade Jardim, em Goiânia. Com foco em moda fitness para mulheres, até o início dos anos 2000 o único canal de vendas era a feira de Brasília. A partir de 2001, a empresa deflagrou seu processo de expansão, com a abertura de lojas na Avenida Bernardo Sayão, na capital, e a contratação de uma pequena equipe de representantes.

Dois anos mais tarde, como parte da estratégia de ampliação dos negócios, Hélio Garcia e Dona Lúcia deixaram a gestão, abrindo caminho para os filhos Hélio Junior de Paula Faria e Wellington de Faria e Paula, o Beto. Trabalhando a quatro mãos, os irmãos buscaram aprimorar a gestão, com contratação de consultorias especializadas, buscando profissionalizar a operação e criando novos departamentos para melhorar todo o processo produtivo e fortalecer a marca.

No começo desta década, a Di Paula investiu na construção de sua nova indústria, multiplicando o tamanho em mais de quatro vezes, para uma área total de 2,2 mil metros quadrados. Ao mesmo tempo, em mais uma transição, Júnior deixou a operação e Beto assumiu a gestão do negócio. Nos anos seguintes, sempre com



■ **Nova direção:** José Geraldo assume gestão da empresa em 2017, consolidando processo de profissionalização

foco na qualidade de seus produtos, a empresa passou a perseguir maior capilaridade nas vendas e abriu loja em São Paulo. Em 2014, foram contratadas consultorias para análise de processo de produção, tecnologia de tecido, estratégia financeira, estratégia de marcas e readequação organizacional, no intuito de melhorar a eficiência e eficácia do negócio. O ano seguinte foi marcado pela expansão no número de representantes, com cobertura nacional, o que exigiu reavaliação do planejamento da produção e levou ainda ao fechamento da loja própria em São Paulo.

O mercado internacional surge como opção para a empresa em 2016, quando participou de feiras internacionais de moda na Alemanha e na Colômbia, fechando os primeiros acordos de exportação. Para atender a esse mercado, o departamento de desenvolvimento de produtos foi readequado, com aumento considerável do número de profissionais, aposta reforçada em inovação e maior volume de lançamentos.

Neste ano, a empresa criou uma agência própria de publicidade, que opera de forma integrada com a equipe de desenvolvimento de produtos e com a área comercial, e aprofundou seu plano de profissionalização. Beto deixou a presidência da empresa, que passou a ser exercida pelo gestor José Geraldo Batista Chaves Filho. A meta agora é, até 2020, dobrar o faturamento. ■



Fotos: Cristiano Borges / CMB Fashion

■ **PASSARELA /** A atriz Carol Nakamura (no alto) foi uma das atrações da CMB Fashion, evento organizado em abril pelo empresário Magdal Bezerra, ladeado por Magdal Segundo e Maria Paula (abaixo), que mostraram novidades em jeans e camisaria da indústria de confecção deles.



■ **VIDA RURAL /** Antônio Sebastião Gouveia faz sucesso com fabricação de selas, tradição em que mantém seu “maior tesouro”, a manufatura artesanal, passada adiante ao ministrar cursos a interessados pela atividade. Os arreios podem ser confeccionados na Casa do Boi, criado pelo arquiteto Léo Romano na Casa Cor 2017, que vai até 21 de junho, no Colégio Estadual José Carlos de Almeida, no Centro de Goiânia. Os produtos ornamentam a cerca do pequeno curral construído na mostra de decoração, onde dois bois da raça tabapuã chamam atenção do público para o ambiente inusitado, que contrasta com outros dois espaços criados: a capela e o closet do boi. O conjunto inspirado na vida rural resulta em mix com a cultura contemporânea e a vida na cidade.

Faeg



Leo Romano

■ **MÃES /** Presenças na homenagem às mães, organizada pela Associação dos Empregados do Sistema Fieg (Aesfieg). Raimunda Nonata dos Santos e Jesuíta de Paula Barbosa Maranhão têm atividades semelhantes na Casa da Indústria. Dona Rai, famosa por suas disputadas guloseimas e pelo café servido desde a cantina até a presidência, no 11º andar, e na maioria das reuniões e eventos realizados no prédio, os quais têm suporte de Jesuíta.



Alex Marfenas

■ FESTIVAL DO TRABALHADOR /

Comemoração tradicional no Sistema Fieg, o Dia do Trabalhador, este ano em plena segunda-feira, movimentou todas as unidades do Sesi no Estado. Em Goiânia, o Festival do Trabalhador da Indústria, ponto alto do 1º de Maio, levou centenas de famílias ao Clube Ferreira Pacheco, no Setor Santa Genoveva. Na ocasião, houve sorteio de uma moto zero quilômetro, uma bicicleta elétrica e TVs, entregues pelo presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, vice-presidente Antônio Almeida e pelo diretor regional do Senai e superintendente do Sesi, Paulo Vargas, entre outros diretores das instituições.



Fotos: Alex Maheiros



■ **4 DÉCADAS /** O Sesi Canaã, uma das primeiras unidades da instituição em Goiás, comemorou dia 5 de abril 40 anos de sua instalação, reunindo alunos, ex-alunos e personalidades que fazem parte de sua história, como o ex-superintendente Mozart Soares, homenageado na ocasião, na foto ao lado do atual superintendente, Paulo Vargas, e da gerente da unidade, Antonia Stecca (acima). Entre os convidados, a médica Nathanny Ribeiro Barbosa (no alto, à direita), ex-aluna do ensino fundamental, ressaltou a importância do Sesi em sua carreira profissional. "O Sesi foi a base, o tijolo. Fiz história aqui", disse. Apresentações de dança, como a da aluna Giulliane Guimarães Cunha (direita), também marcaram a festa.





Fotos: Hugo Oliveira



■ **PRAÇA-ESTANDE /** Chamar a atenção para um empreendimento, que traz projeto para estimular o convívio e a integração da vizinhança e, ao mesmo tempo, oferecer um espaço de lazer à comunidade ao redor. Essa é a proposta do estande de vendas do Praça Sudoeste, empreendimento da FR Incorporadora na Vila Lucy, em Goiânia. Construído em forma de uma praça, o estande inclui vários itens de lazer, como pista de skate (acima, à esquerda). Diretores da FR Incorporadora e da URBS RT, Pedro Borela e Ricardo Teixeira (à direita) destacam que o empreendimento é o primeiro na capital a incluir praça privativa em um residencial voltado para a classe média.

Alex Malheiros



■ **PARABÉNS! /** A última reunião da Diretoria Plena da Fieg, em 15 de maio, com participação de Paulo Carvalho, do Conselho Curador do FGTS, e Oton Nascimento Júnior, da ONA Engenharia, teve momento de descontração para a comemoração do aniversário do superintendente da Federação, José Eduardo de Andrade Neto, que completou 68 anos, com direito a homenagem e até bolo.

■ **TINTIM! /** Desafiando a crise, os cervejeiros Filipe Pulcinelli e Rodolfo Lima Paro já planejam expansão da marca Selecta Beer, que abrem no segundo semestre do ano passado, com showroom no Jardim América, em Goiânia. "Ano que vêm queremos expandir com inauguração de fábrica moderna no parque industrial de Aparecida de Goiânia", anuncia Paro.



■ **NO EMBALO DO REI /** Acompanhados ao piano por Eddy, da dupla com Bruno, o presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, e Suely Paranaíba soltam a voz durante comemoração de seu 69º aniversário, na Casa da Indústria. Em clima romântico, cantam Como é Grande o Meu Amor Por Você, de Roberto Carlos (1). A confraternização reuniu amigos, diretores do Sistema Fieg e equipe de trabalho. Entre eles, Thiago Albernaz e Luciana Albernaz, diretora administrativa financeira do Sebrae Goiás (2), Solange/Paulo Afonso Ferreira, vice-presidente da CNI (3), e Vilmar Rocha, secretário estadual de Cidades e Meio Ambiente (4).



Fotos: Alex Mathérios

1



2



3



4

■ **BIOTECNOLOGIA /** A empresa goiana Bioplace, de Arthur Scalzitti, Paulo Hernandes, Marques Palmeira, Ricardo Barcellos e José Cleildo, é uma das vencedoras de competição nacional em biotecnologia, o prêmio Bio Startup Lab, realizado na Fundação Bio Minas Brasil, em Belo Horizonte, dia 27 de abril. O projeto inaugura a utilização de softwares de bioinformática em testes de segurança para desenvolvimento de novas drogas, iniciativa bem-vinda para o parque industrial goiano de medicamentos. Entre os mais de 300 empreendedores inscritos, a Bioplace ficou em segundo lugar em lista de 21 melhores projetos selecionados.

SIAEG

ALIMENTO CONFIÁVEL / O Sindicato das Indústrias de Alimentação no Estado de Goiás (Siaeg) entregou, dia 8 de maio, os primeiros certificados do programa Alimento Confiável, selo que atesta boas práticas de fabricação de acordo com a legislação sanitária, obtidos pelas empresas Rei do Milho e Vovó Nice. Desenvolvido por meio de uma técnica de compliance (conjunto de disciplinas para fazer cumprir as normas legais e regulamentares), o programa goiano integra o Catálogo Online de Boas Práticas Sindicais, da Confederação Nacional da Indústria (CNI). A entrega dos certificados foi feita pelo presidente do Siaeg, Sandro Mabel, aos empresários Elton Robson (Rei do Milho) e Leonice Baiochi (Vovó Nice), ao lado de Denise Resende, diretora executiva do sindicato, e Humberto Oliveira, superintendente do IEL Goiás.



Fotos: Alex Malheiros

**CÂMARA DA ALIMENTAÇÃO**

/ Além do selo Alimento Confiável, o empresário Sandro Mabel apresentou a líderes sindicais futuros projetos do Siaeg em prol do segmento no Estado, composto por uma base de mais de 1,8 mil indústrias, sobretudo a aspiração da criação da Câmara Setorial da Alimentação, “um divisor de águas para todos os que fazem parte dessa cadeia, seja na produção primária ou na indústria”.

SIGEGO/ABIGRAF

INDÚSTRIA GRÁFICA / Goiânia sediou na Casa da Indústria, dia 28 de abril, a 53ª Assembleia Geral Ordinária da Abigraf Nacional, com presença de representantes das indústrias gráficas de todo o País. Na abertura, o presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, e o vice-presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI) Paulo Afonso Ferreira apresentaram um panorama dos desafios que o setor produtivo enfrenta diante do atual momento político e econômico do Brasil.

ELEIÇÃO / Também marcou a pauta a eleição da nova diretoria da entidade no triênio 2017/2020, liderada pelo empresário Julião Flaves Gaúna e integrada pelo vice-presidente da Fieg e presidente do Sindicato das Indústrias Gráficas do Estado de Goiás (Sigego), Antônio de Sousa Almeida. “O encontro demonstrou que a indústria gráfica brasileira mantém suas convicções de ser coesa, seguindo forte e unida, neste momento em que o País está atravessando”, disse Almeida.

Alex Malheiros



SINDUSCON

DESBUROCRATIZAÇÃO / Destinado a promover diálogo, estreitar relacionamento e facilitar a busca conjunta de soluções para destravar obras e processos, o projeto Encontro Empresarial mobilizou o Sindicato das Indústrias da Construção no Estado de Goiás (Sinduscon) durante os meses de março e abril. Audiências individuais na sede do sindicato, com horário agendado previamente, colocaram frente a frente, de forma individualizada, empresários associados e representantes de órgãos que se relacionam com o segmento.

Sinduscon-Go/ACS



SANEAGO E AMMA / O Encontro Empresarial levou ao Sinduscon os presidentes da Companhia de Saneamento de Goiás (Saneago), Jalles Fontoura, e da Agência Municipal do Meio Ambiente (Amma), Gilberto Marques Neto. Nas fotos, os dois dirigentes e respectivas equipes recebem do presidente do Sinduscon-GO, Carlos Alberto Moura, placas em reconhecimento aos relevantes trabalhos realizados em prol do desenvolvimento do Estado e em agradecimento pela participação nos encontros.



SIMMEA

DAIA / Ações conjuntas para melhorias no Distrito Agro Industrial de Anápolis (Daia) e para fortalecer a política municipal de geração de emprego e renda dominaram a pauta de audiência com o prefeito Roberto Naves, dia 15 de março. Participaram o presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis (Simmea), Robson Peixoto Braga, acompanhado de outros diretores da entidade, o presidente da Fieg Regional Anápolis, Wilson de Oliveira, e representantes do Sindicato dos Metalúrgicos de Anápolis (SindMetana). Na ocasião, foi sugerida a reedição, pela Fieg, de seminário para discutir e buscar soluções para os problemas do Daia, realizado pela primeira vez em 2014.



Claudius Brito

SIMELGO

VISITAS / Dentro da estratégia de buscar maior aproximação de seus associados, o Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás (Simelgo) retomou no início do ano o programa de visitas às indústrias do segmento. Em março, o presidente do Simelgo, Hélio Naves, e o diretor executivo Orizomar Araújo estiveram na Cesar Construção Modular, empresa que desenvolve, a partir de módulos construtivos, ambientes como salas de aula, hospitais, quiosques, estandes, casas e até celas presidiárias. Eles foram recebidos pelo diretor da Cesar, Mário Cesar de Paiva, pela gerente de RH, Eliane Monteiro, e pelo engenheiro mecânico Paulo Fernandes.

FEIMAFE / A 18ª edição da Feimafe, Feira Internacional de Máquinas, Ferramentas e Sistemas Integrados de Manufatura, principal feira com foco em máquinas-ferramenta e controle de qualidade na América Latina, de 20 a 24 de junho, em São Paulo, terá participação de empresários goianos e diretores do Simelgo, interessados em conhecer novas tecnologias e novos processos que podem ser implantados em Goiás.

PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL / O uso racional de recursos naturais, materiais ecologicamente corretos e a geração de impacto mínimo no meio ambiente são conceitos sustentáveis da Cesar Construção Modular, compartilhados pelo sindicato. “Queremos incentivar o empresário a reduzir perdas por meio de práticas sustentáveis, equivalentes a essas que vimos nessa empresa. Vamos continuar percorrendo nossas associadas para conhecer de perto a demanda de cada uma”, afirma Hélio Naves.



Eva Taucci

HOMENAGEM ÀS MÃES / O Simelgo inovou na comemoração do Dia das Mães, ao incentivar empresários e gestores de RH das indústrias do setor a enviar ao SimelgoNews fotos, textos e poemas para homenagear as mães que trabalham no segmento. O material recebido foi integralmente reproduzido nas páginas do informativo eletrônico, que circulou em edição especial do Dia das Mães, em 12 de maio.

SINDIFARGO

LOGÍSTICA REVERSA / O acordo setorial de logística reversa de medicamentos foi o ponto central da audiência com o ministro do Meio Ambiente, Sarney Filho, em Brasília, dia 8 de março, com participação do presidente executivo do Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás (Sindifargo), Marçal Henrique Soares. Também estiveram presentes no encontro, agendado com apoio do deputado federal Alexandre Baldy, por solicitação do Sindifargo, representantes do Sindusfarma, Sindifar-RJ, Alanac, Grupo Farma Brasil e Interfarma.

REAJUSTE NEGATIVO / Proposta considerada extremamente danosa para o setor e que gera insegurança para as empresas, a PEC- 754/2016, que permite o reajuste negativo de preço de medicamentos a critério do governo federal, foi alvo de encontro com o presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, em Brasília, dia 22 de março, com presença do deputado federal Alexandre Baldy, também integrante da diretoria da entidade, e Marçal Soares. As lideranças da indústria farmacêutica pediram apoio ao presidente da Câmara no sentido de alterar o texto da PEC, sob risco de ela trazer prejuízos imensuráveis.



JBatista/Câmara dos Deputados



Alex Malheiros

FORÇA À INOVAÇÃO / O presidente do Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás (Sindifargo), Heribaldo Egídio (direita), presidiu a primeira reunião ordinária de 2017 do Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (CDTI) da Fieg, no espaço Ace do Instituto Gyntec, em Goiânia, dia 22 de março. Na ocasião, o chefe de Operações do Hub Ace Goiânia, Vandrê Sales (3º da esquerda para direita), fez uma apresentação do projeto, iniciado em 2016 para fortalecer o ambiente de inovação em Goiás.

SINDCURTUME

ELEIÇÕES E POSSE / Eleitos respectivamente para a presidência e vice-presidência do Sindicato das Indústrias de Curtumes e Correlatos do Estado de Goiás (Sindcurtume) para o triênio 2016/2019, os empresários Emilio Carlos Bittar e João Essado (foto) tomaram posse em cerimônia realizada no dia 10 de março no Salão Daniel Viana, na Casa da Indústria.



Alex Malheiros

FIG ANÁPOLIS

TECNOSHOW (1) / O presidente da Fieg Regional Anápolis, Wilson de Oliveira, participou da 16ª edição da Tecnoshow, entre 3 a 7 de abril, no Centro Tecnológico da Comigo, em Rio Verde. Ele acompanhou o lançamento de tratores da Farmtrac Brasil, empresa multinacional que está implantando uma montadora de tratores no Distrito Agro Industrial de Anápolis (Daia) e aproveitou a vitrine da feira do agronegócio para mostrar suas novas linhas, já montadas em território goiano.

TECNOSHOW (2) / Também prestigiaram o lançamento da Farmtrac Brasil o diretor executivo da Adial, Edwal Portilho; os secretários de Desenvolvimento Econômico do Estado, Francisco Pontes, e de Anápolis, Vander Lúcio Barbosa; o presidente do Simmea, Robson Peixoto Braga; o vice-presidente do Simesgo, Wellington Carrijo; o presidente do Sindileite, Joaquim Guilherme Barbosa de Souza; e o diretor do Simplago Olympio José Abrão. A comitiva foi recepcionada pelo diretor de vendas da Farmtrac, Luciano Maciel Petrovski, e outros representantes da empresa.

Fotos Alex Malheiros



VACINAÇÃO / A empresa Carta Fabril, no Distrito Agro Industrial de Anápolis (Daia), foi palco do lançamento, na cidade, da campanha de vacinação contra a gripe H1N1, promovida pelo Serviço Social da Indústria (Sesi Goiás). A atividade contou com presença do presidente da Fieg Regional Anápolis, Wilson de Oliveira; da gerente do Sesi Jundiá, Marciana Neves da Silva; do diretor da Faculdade Senai Roberto Mange, Aroldo dos Reis Nogueira, e Darlan Siqueira (Fieg). A Carta Fabril é tradicional parceiro do Sistema Fieg em ações nas áreas de capacitação, estágio, educação, saúde e lazer para o trabalhador.

FIG JOVEM, 10 ANOS**ARQUITETANDO O EMPREENDEDORISMO EM GOIÁS**

Com esse slogan, a Fieg Jovem comemorou, dia 12 de maio, uma década de sua criação. Nesse período, consolidou atuação dinâmica, constituindo um dos dez Conselhos Temáticos da Federação, sobretudo ao estimular o desenvolvimento de novas lideranças empresariais e sindicais patronais na indústria goiana e fomentar o empreendedorismo jovem. A data foi comemorada durante encontro, na Casa da Indústria, com homenagens a personalidades que contribuíram com a causa, como o presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, e o diretor financeiro Hélio Naves (foto), que receberam placas comemorativas de Leandro Almeida, presidente da Fieg Jovem.





A corrida da indústria 4.0: acelerar é preciso!

Você vai a uma farmácia, seja de pequeno porte ou de uma grande rede, comprar um medicamento de controle especial, que exige retenção da receita médica. O atendente busca o “tarja preta” em uma sala de acesso restrito, bate um carimbão no verso da receita, onde registra as informações, como nome do produto, lote, quantidade dispensada, nome do comprador, endereço completo, telefone, identidade, nome e matrícula do atendente, visto do farmacêutico responsável, etc. No anverso da receita, em campo impresso, você também preenche sua identificação. Com metade do dia já sacrificado no chá de cadeira no consultório médico, você ouvirá do atendente zen (ainda bem!) que isso faz parte de cuidados exigidos pela Vigilância Sanitária, necessários para evitar fraude, algo mais do que banalizado nos dias de hoje no Brasil.

Antes, para ir do médico à farmácia, você havia chamado o Uber, e o que poderia ser uma via-crúcis no trânsito caótico da cidade tornou-se experiência bem menos desagradável, graças à aplicação da tecnologia, que facilita desde o pagamento da corrida à rota de sua viagem, por meio de aplicativos de orientação de trânsito dos smartphones, os quais sugerem a melhor alternativa de trajeto. Tudo isso baseado em hiperconectividade, sensoriamento e inteligência artificial.

A pergunta que não quer calar: por que, raios, ainda não automatizaram esse *modus operandi* das farmácias? Leigo no assunto, fico elucubrando se houvesse ali um cadastro, com dados do cliente, informações sobre medicamentos adquiridos recentemente ou se, para garantir segurança diante de tantos crimes cibernéticos, tudo isso pudesse ser acessado via cartão de fidelidade.

Atrasado na adoção de tecnologias digitais relacionadas à era da manufatura avançada, a chamada indústria 4.0, como mostra pesquisa recente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), o Brasil terá de saltar etapas naturais para chegar à plena integração da cadeia de valor dos produtos industriais, desde o desenvolvimento até o uso, segundo concluem especialistas. O levantamento revela

“Atrasado na adoção de tecnologias digitais relacionadas à era da manufatura avançada, a chamada indústria 4.0, o Brasil terá de saltar etapas naturais para chegar à plena integração da cadeia de valor dos produtos industriais”

DEHOVAN LIMA, editor de Publicações do Sistema Fieg

que 73% das empresas que afirmaram usar, ao menos, uma tecnologia digital o fazem na etapa de processos. Outras 47% utilizam no desenvolvimento da cadeia produtiva e apenas 33% em novos produtos e novos negócios. Ou seja, de acordo com a pesquisa da CNI, a indústria brasileira ainda está se familiarizando com a digitalização e com os impactos que ela pode ter sobre a competitividade.

Especialista no assunto, o diretor regional do Senai de Santa Catarina, Jefferson de Oliveira Gomes, afirma que resta para a indústria nacional vencer o desafio de aplicar tecnologias e modelos semelhantes aos dos smartphones, capazes de levar à tomada de decisões sem a participação humana e a partir apenas da conexão entre máquinas, plantas fabris, matérias-primas e o produto final e o consumidor. Afinal, ele observa, um smartphone tem 500 vezes mais potência computacional do que a nave que pousou na lua, porém não usamos nem 40% de sua capacidade e o preço do telefone não custa uma vírgula do valor da nave. “Novos negócios estão sendo criados numa velocidade imensa e estamos chegando à época do talento, misturando mecânica com inteligência artificial e efeitos tecnológicos.”

Também professor da Divisão de Engenharia Mecânica-Aeronáutica do ITA, Jefferson de Oliveira falou em Goiânia sobre a produção de alimentos na era da indústria 4.0, durante workshop do Instituto Senai de Tecnologia em Alimentos e Bebidas. ■

SINDICATOS COM SEDE NO EDIFÍCIO PEDRO ALVES DE OLIVEIRA

Rua 200, Quadra 67-C, Lote 1/5, nº 1121 - Setor Vila Nova, em frente à Casa da Indústria - Goiânia-GO, CEP: 74645-230

SINPROCIMENTO

Sindicato da Indústria de Produtos de Cimento do Estado de Goiás

Presidente: Olavo Martins Barros
Fone: (62) 3224-0456/Fax 3224-0338
sinprocimento@gmail.com

SINDIREPA

Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado de Goiás

Presidente: Alyson Jose Nogueira
Telefone (62) 3224-0121/ 3224-0012
sindirepa@sistemafieg.org.br

SINDIAREIA

Sindicato das Empresas de Extração de Areia do Estado de Goiás

Presidente: Gilberto Martins da Costa
Fone/Fax: (62) 3224-8688
sindiareia@sistemafieg.org.br

SINDCEL

Sindicato das Indústrias da Construção, Geração, Transmissão e Distribuição de Energia no Estado de Goiás

Presidente: Célio Eustáquio de Moura
Fone: (62) 3218-5686 / 3218-5696
Sindcel.go@gmail.com

SINDIALF

Sindicato das Indústrias de Alfaiataria e Confecção de Roupas para Homens no Estado de Goiás

Presidente: Daniel Viana

SIAEG

Sindicato das Indústrias de Alimentação no Estado de Goiás

Presidente: Sandro Antônio Scodro Mabel
Fone/Fax: (62) 3224-9226
siaeg@terra.com.br

SINDICALCE

Sindicato das Indústrias de Calçados no Estado de Goiás

Presidente: Elvis Roberson Pinto
Fone/Fax: (62) 3225-6402
sindicalce@sistemafieg.org.br

SINCAL

Sindicato das Indústrias de Calcário, Cal e Derivados no Estado de Goiás, Tocantins e DF

Presidente: José Antônio Vitti
Fone/Fax (62) 3223-6667
sininceg@sistemafieg.org.br

SINDICARNE

Sindicato das Indústrias de Carnes e Derivados no Estado de Goiás e Tocantins

Presidente: José Magno Pato
Fone/Fax (62) 3229-1187 e 3212-1521
sindicarn@terra.com.br

SINDCURTUME

Sindicato das Indústrias de Curtumes e Correlatos do Estado de Goiás

Presidente: Emílio Carlos Bittar
Fone/Fax: (62) 3213-4900
sindcurtume@sistemafieg.org.br

SINDIGESSO

Sindicato das Indústrias de Gesso, Decorações, Estuques e Ornatos do Estado de Goiás

Presidente: José Luiz Martin Abuli
Fone: (62) 3224-7443
sindigesso@sistemafieg.org.br

SINDILEITE

Sindicato das Indústrias de Laticínios no Estado de Goiás

Presidente: Joaquim Guilherme Barbosa de Souza
Fone: (62) 3212-1135 / Fax 3212-8885
sinleite@terra.com.br

SIMPLAGO

Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado de Goiás

Presidente: Bruno Franco Beraldi Coelho
Fone: (62) 3224-5405
simplago@sistemafieg.org.br

SINDIPAO

Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria no Estado de Goiás

Presidente: Luiz Gonzaga de Almeida
Fone: (62) 98422-4022
sindipao@sistemafieg.org.br

SIMAGRAN

Sindicato das Indústrias de Rochas Ornamentais do Estado de Goiás

Presidente: Eliton Rodrigues Fernandes
Telefone: (62) 3225-9889
simagran@sistemafieg.org.br

SINCAFE

Sindicato das Indústrias de Torrefação e Moagem de Café no Estado de Goiás

Presidente: Jaques Jamil Silvério
Fone: (62) 3212-7473 - Fax 3212-5249
sincafe@sistemafieg.org.br

SINVEST

Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás

Presidente: José Divino Arruda
Fone/Fax: (62) 3225-8933
sinvest@sistemafieg.org.br

SINDIBRITA

Sindicato das Indústrias Extrativas de Pedreiras e Derivados do Estado de GO, TO e DF

Presidente: Flávio Santana Rassi
Fone/Fax: (62) 3213-0778
sindibrita@sistemafieg.org.br

SIEEG-DF

Sindicato das Indústrias Extrativas do Estado de Goiás e do Distrito Federal

Presidente: Domingos Sávio G. Oliveira
Fone: (62) 3212-6092 - Fax 3212-6092
sieeg@sistemafieg.org.br

SIGEGO

Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado de Goiás

Presidente: Antônio de Sousa Almeida
Fone: (62) 3223-6515 - Fax 3223-1062
sigego@sistemafieg.org.br

SIMELGO

Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás

Presidente: Hélio Nunes
simelgo@sistemafieg.org.br
Fone/Fax: (62) 3224-4462
contato@simelgo.org.br

SINDQUÍMICA-GO

Sindicato das Indústrias Químicas no Estado de Goiás

Presidente: Jaime Canedo
Fone: (62) 3212-3794/Fax 3225-0074
sindquimica@sistemafieg.org.br

SINDMÓVEIS

Sindicato das Indústrias de Móveis e Artefatos de Madeira no Estado de Goiás

Presidente: Enoque Pimentel do Nascimento
Fone/Fax: (62) 3224-7296
sindmoveis@sistemafieg.org.br

SINDTRIGO

Sindicato dos Moinhos de Trigo da Região Centro-Oeste

Presidente: Sérgio Scodro
Presidente-Executivo: André Lavor P. Barbosa
Fone: (62) 3223-9703
sindtrigo@gmail.com

OUTROS ENDEREÇOS

SIFAÇÚCAR

Sindicato da Indústria de Fabricação de Açúcar do Estado de Goiás

Presidente: Otávio Lage de Siqueira Filho
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
Rua C-236, nº 44 - Jardim América
CEP 74290-130 - Goiânia - GO
Fone: (62) 3274-3133 / Fax (62) 3251-1045

SIMESGO

Sindicato da Indústria Metalúrgica, Mecânica e de Material Elétrico do Sudoeste Goiano

Presidente: Heitor de Oliveira Nato Neto
Rua Costa Gomes, nº 143 Jardim Marconal
CEP 75901-550 - Rio Verde - GO
Fone/Fax: (64) 3623-0591
simesgo1@hotmail.com

SINDUSCON-GO

Sindicato das Indústrias da Construção no Estado de Goiás

Presidente: Carlos Alberto de Paula Moura Júnior
Rua João de Abreu, 427 - St. Oeste
CEP 74120-110 - Goiânia - GO
Fone: (62) 3095-5155
contato@sinduscongoias.com.br

SINROUPAS

Sindicato das Indústrias de Confecções de Roupas em Geral de Goiânia

Presidente: Edilson Borges de Sousa
Rua 1.137, nº 87 - Setor Marista
CEP 74180-160 - Goiânia - GO
Fone/Fax: (62) 3088-0877
sinroupas@yahoo.com.br

SIFAEG

Sindicato das Indústrias de Fabricação de Etanol no Estado de Goiás

Presidente: Otávio Lage de Siqueira Filho
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
Rua C-236, nº 44 - Jardim América
CEP 74290-130 - Goiânia - GO
Fone: (62) 3274-3133 e (62) 3251-1045
sifaeg@terra.com.br

SIAGO

Sindicato das Indústrias do Arroz no Estado de Goiás

Presidente: José Nivaldo de Oliveira
Rua T-45, nº 60 - Setor Bueno
CEP 74210-160 - Goiânia - GO
Fone/Fax (62) 3251-3691
siagoarroz@hotmail.com

SINDICATOS/ANÁPOLIS

Av. Engº Roberto Mange, nº 239-A, Jundiá, Anápolis/GO - CEP 75113-630
Fone/Fax: (62) 3324-5768 e 3324-5997
fieg.regional@sistemafieg.org.br

SINDALIMENTOS

Sindicato das Indústrias da Alimentação de Anápolis

Presidente: Wilson de Oliveira
sindalimentos@sistemafieg.org.br

SICMA

Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis

Presidente: Anastácios Apostolos Dagios
sicma@sistemafieg.org.br

SINDICERGO

Sindicato das Indústrias de Cerâmica no Estado de Goiás

Presidente: Laerte Simão
sindicergo@sistemafieg.org.br

SIVA

Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis

Presidente: Jair Rizzi
siva@sistemafieg.org.br

SINDIFARGO

Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás

Presidente: Heribaldo Egidio
Presidente-Executivo: Marçal Henrique Soares
sindifargo@sistemafieg.org.br

SIMMEA

Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis

Presidente: Robson Peixoto Braga
simmea@sistemafieg.org.br

Senhor empresário: A FIEG é integrada por 36 sindicatos da indústria, com sede em Goiânia, Anápolis e Rio Verde. Conheça a entidade representativa de seu setor produtivo. Participe. Você só tem a ganhar.

SUA SIPAT FICA MELHOR COM O SESI

Todas as soluções de que sua
empresa precisa em um só lugar.

Incríveis Palestras Show e Stand Ups



Teatros



Aulão motivacional



Odontologia móvel



Minicursos



Espaço Zen



Palestras

Leve Inovação em segurança para sua empresa.

Alguns de nossos temas:

- DST e AIDS • Diabetes, Colesterol e Hipertensão • Tabagismo e Alcoolismo • Drogas
- Dengue, Zika e Chikungunya • EPI e Prevenção de Acidentes • Ergonomia, LER e Dort
- Higiene Pessoal • Saúde Bucal • Meio Ambiente • Gerenciamento 5S
- Qualidade de Vida • Segurança no Trânsito • Combate a Incêndios

Informações:

Goiânia: 4002 6213 | Demais localidades: 0800 642 1313



QUEM CONTA COM O IEL CONTA COM MAIS DESENVOLVIMENTO.

PARA EMPRESAS

- Consultoria em Gestão Empresarial
- Programa de Desenvolvimento de Fornecedores (PDF)
- Estudos e Pesquisas
- Educação Empresarial

PARA PESSOAS

- Programa de Estágio
- Jovem Aprendiz
- Recrutamento e Seleção
- Inova Talentos
- Foco na Carreira

www.ielgo.com.br



@ielgo



/ielgooficial



99624-3600